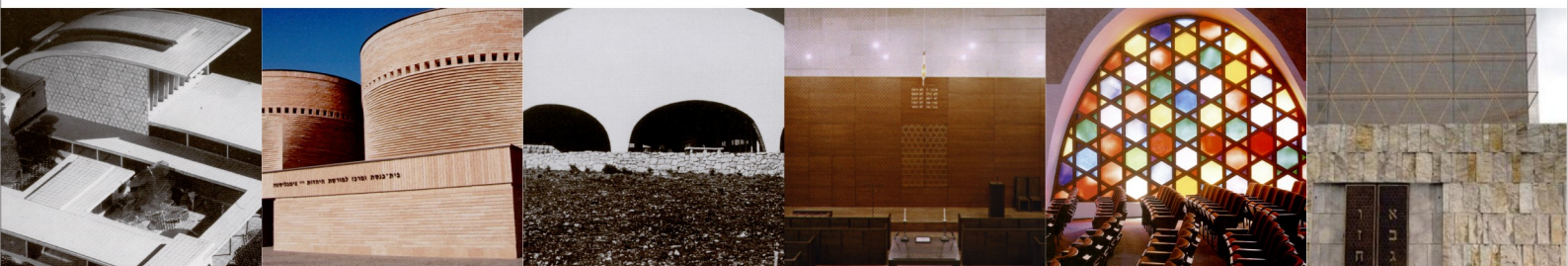


Sergio Kopinski Ekerman

dissertação de mestrado
SINAGOGAS DO PÓS-GUERRA
1950-2007

orientador: Esterzilda Berenstein de Azevedo

programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo
faculdade de arquitetura - universidade federal da bahia



SERGIO KOPINSKI EKERMAN

SINAGOGAS DO PÓS-GUERRA

1950-2007

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: URBANISMO

ORIENTADORA: PROF^a ESTERZILDA BERENSTEIN DE AZEVEDO

salvador | dezembro de 2007

EKERMAN, Sergio Kopinski

Sinagogas do Pós-Guerra: 1950 - 2007 / Sergio Kopinski Ekerman –
Salvador: S. K. Ekerman, 2007.

1 v.

Conteúdo: v.1

Orientador: Professora Esterzilda Berenstein de Azevedo
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Arquitetura, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Arquitetura
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Sergio Kopinski Ekerman

SINAGOGAS DO PÓS-GUERRA 1950 - 2007

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Salvador, 11 de dezembro de 2007

BANCA EXAMINADORA:

Esterzilda Berenstein de Azevedo
Doutora em Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo)
Universidade Federal da Bahia

Antônio Heliodório Lima Sampaio
Doutor em Arquitetura e Urbanismo (Universidade de São Paulo)
Universidade Federal da Bahia

Ruth Verde Zein
Doutora em Arquitetura (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Para Tia Doca e Tio Paulo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer as colaborações recebidas para elaboração deste trabalho.

Inicialmente, a minha orientadora, Dra. Esterzilda Berenstein, que soube trilhar comigo este caminho de difíceis decisões com parcimônia e incrível sabedoria.

Ao professor Paulo Ormino, pelas lições de projeto e arquitetura a qualquer tempo.

Ao rabino Ary Glikin, pelas muitas conversas, capazes de abrir novas janelas e novas sinagogas ao redor do mundo.

À Professora Naia Alban, por suas contribuições ao amadurecimento deste projeto de pesquisa.

Ao Arquiteto Nivaldo Andrade, pela ajuda sempre presente.

A Elaine e Sergio Foguel, pelo auxílio e força moral.

A Flávia Foguel, pelo incondicional carinho, apoio e atenção a cada segundo.

RESUMO

A sinagoga tem mantido sua função básica, de espaço para oração e congregação judaica, há dois mil e quinhentos anos. Sua história, no entanto, é marcada pela falta da expressão de uma identidade estética específica. A pesquisa foca sua atenção na observação das transformações vivenciadas pelo espaço religioso judaico na segunda metade do século XX, concentrando-se na identificação de algumas das principais sinagogas construídas na diáspora e em Israel de 1950 a 2007, período marcado pelas consequências da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com base a este levantamento, o trabalho analisa aspectos importantes da arquitetura da liturgia, tais como forma, luz e lugar, e o desenvolvimento de uma identidade simbólica na construção da arquitetura ligada ao judaísmo.

Palavras-chave: **sinagoga, arquitetura, judaísmo, pós-guerra.**

ABSTRACT

The synagogue has had its basic function, as a space for Jewish worship and assembly, preserved for the last two and a half thousand years. Its history, however, is characterized by the lack of opportunity to express a specific aesthetical identity. This research focuses its attention on the transformations that the Jewish religious space has gone through in the second half of the 20th century, concentrating on the identification of some of the main synagogues constructed in Israel and in the Diaspora from 1950 to 2007, years imprinted by the consequences of the Second World War (1939-1945). Based upon this selection, the work analyses important aspects of the liturgical architecture, such as form, light and site, and the development of a symbolic identity in architecture related to Judaism.

Key-words: **synagogue, architecture, Judaism, post-war**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. A SINAGOGA.....	16
1.1. DA ORIGEM À DIÁSPORA.....	16
1.2. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA LITURGIA NA SINAGOGA.....	27
1.3. DA DIÁSPORA AO SÉCULO XVIII.....	33
2. RAÍZES DA RENOVAÇÃO.....	40
2.1. O MOVIMENTO REFORMISTA.....	40
2.2. CONTRIBUIÇÃO MODERNISTA ENTREGUERRAS.....	45
3. PÓS-GUERRA E A CONSOLIDAÇÃO DO MODERNO.....	52
3.1. IDENTIDADE JUDAICA NO PÓS-GUERRA.....	52
3.2. CONTRIBUIÇÕES DE ERICH MENDELSON E PERCIVAL GOODMAN.....	56
4. ARQUITETURA PARA LITURGIA E AS SINAGOGAS DO PÓS-GUERRA.....	70
4.1. FORMA ARQUITETÔNICA E REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA.....	70
4.1.1. ASPECTOS DA FORMA NA ARQUITETURA PARA LITURGIA....	70
4.1.2. O SÍMBOLO NO JUDAÍSMO.....	75
4.1.3. FORMA E SÍMBOLO NA ARQUITETURA DE SINAGOGAS.....	81
4.1.3.1. IMAGENS: ESTRELA DE DAVID, MONTE SINAI, AS TÁBUAS DA LEI E A TORAH.....	81
4.1.3.2. O TABERNÁCULO E O TEMPLO DE SALOMÃO.....	111

4.1.3.3. UM NOVO HISTORICISMO.....	134
4.2 LUZ.....	152
4.2.1. A LUZ COMO REFORÇO DA LITURGIA.....	152
4.3. O LUGAR.....	188
4.3.1. SINAGOGAS DA DIÁSPORA.....	188
4.3.2. SINAGOGAS DE ISRAEL.....	200
CONCLUSÃO.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	218
ANEXOS.....	234

INTRODUÇÃO

*“Shemá Israel; Adonai Elohenu, Adonai Echad” –
“Escuta, ó Israel; O Eterno é o teu D’us. O Eterno é um”.*

*“Edifiquem-me um santuário para
que eu habite no meio deles” (Êxodo, 25:8).*

O valor da arquitetura religiosa é destacável ao longo de toda a história da humanidade. Os prédios dedicados a este tema configuram um grupo que se caracteriza por sua relevância artística, por uma elaboração diferenciada do espaço arquitetônico e pelo trabalho sobre um tema complexo, que navega sobre águas misteriosas e pouco transparentes.

Materializar o divino e sua relação com a realidade tem sido um dos maiores desafios da arquitetura, um processo que se configura como parte da busca humana por explicações sobre sua existência e a presença de uma força superior, não importando a religião.

Seja na forma da Casa de Deus, de um Templo ou de um simples local de reunião, a arquitetura voltada para a liturgia coreografa os passos do encontro com o sagrado, da “purificação” do profano, construindo o cenário de uma atividade de notável espiritualidade.

A natureza da transformação do ritual litúrgico e dos símbolos de determinada religião em espaço tridimensional é justamente o fruto de um jogo construtivo de múltiplas faces, que ao final será capaz, ou não, de ajudar a concretizar o *religare*, a reconexão entre o homem e tudo aquilo que cerca o indivíduo e seu próprio mundo interior.

Este fenômeno, mediado pela arquitetura, constitui-se no assunto principal desta pesquisa.

O interesse no assunto advém da possibilidade de defrontar-se com um tema provocante no campo da arquitetura, não só por conta de suas possibilidades de desenho e programa, mas também em função do lastro histórico que o acompanha. Além disto, a rica interação entre as mais diversas escalas, desde a implantação, até o detalhe construtivo, compõe um rico campo de observação dentro da arquitetura.

No judaísmo e nas sinagogas, objeto de aprofundamento da dissertação, os caminhos desta materialização arquitetônica são marcados pela falta de uma expressão plástica e estética próprias à religião. Confrontar neste trabalho de pesquisa o tema do judaísmo significa buscar também respostas que contribuam para o desafio de construir novas sinagogas, uma tipologia religiosa caracterizada pela heterogeneidade e pluralidade.

A fraqueza gerada pela dispersão e o anti-semitismo latente num território inóspito, depois da expulsão da Palestina em direção à Europa em 70 EC, fizeram da sinagoga um edifício marginalizado dentro do contexto geral de dominação cristã. Na observação da trajetória histórica das sinagogas ao longo do primeiro e do segundo milênio da Era Comum, identificamos uma manifestação arquitetônica plural que, embora tenha se desenvolvido a partir de valores judaicos, concretizou-se sobre uma base estética mais ligada ao repertório utilizado no espaço católico ou mesmo islâmico. Características tais como o tamanho, a escala do edifício e sua relação com a cidade estiveram também mais ligadas à ingerência de governos locais que aos desejos das próprias comunidades ou aos valores da religião judaica.

O próprio isolamento das congregações gerou uma relativa disparidade entre as soluções arquitetônicas para o espaço da sinagoga, inclusive por conta de diferentes orientações rabínicas a respeito de temas polêmicos como a tolerância à representação simbólica figurativa dentro da sinagoga.

Dentre os trabalhos que serviram como referência inicial a estas reflexões está a dissertação de mestrado da arquiteta Adriana Blay Levisky, chamada de "Sinagogas: a sacralização do espaço e a espacialização do sagrado". No seu texto, Adriana reflete justamente sobre a questão da materialização do sagrado no judaísmo através das sinagogas, mostrando os motivos pelos quais os judeus nunca chegaram a desenvolver uma estética própria na expressão de sua arquitetura.

Para tanto, a arquiteta trabalha com a hipótese de que tal fenômeno foi motivado por contingências históricas específicas, caracterizadas pelo isolamento político e social, e não por restrições religiosas ou filosóficas.

A entrada no século XIX, após a Revolução Industrial, corresponde ao início de um momento de renovação da sinagoga, através da progressiva inserção dos judeus na sociedade civil europeia, acontecimento que se prolongou pelo início do século XX, contemporaneamente ao advento do modernismo. Após o começo da Segunda Guerra mundial, no entanto, tal processo foi abruptamente interrompido pelas restrições anti-semitas da dominação nazista e, posteriormente, pelo Holocausto, o assassinato de seis milhões de judeus.

O estudo das conseqüências deste evento histórico no amadurecimento da expressão da arquitetura ligada ao judaísmo é justamente o objeto principal de estudo desta dissertação.

Neste sentido, outra publicação referencial para este trabalho é o catálogo de uma recente exposição que circulou por grandes capitais europeias e Israel, chamada de "Jewish Identity in Contemporary Architecture" ¹. Segundo os próprios curadores, um dos objetivos principais da mostra foi discutir a formação de uma nova identidade judaica na arquitetura contemporânea, expressão de comunidades que ganham finalmente força e autoconfiança para reconstruir suas bases, duas gerações após o Holocausto. O catálogo traz uma série de obras ligadas à temática judaica tais como sinagogas, escolas, museus e memoriais ao Holocausto, dentre outros, além de ensaios que buscam identificar a presença de traços "judaicos" na concretização da arquitetura na atualidade.

Com base a esta experiência, esta pesquisa concentrou esforços na observação do espaço da sinagoga, propriamente dito, referência primordial para qualquer comunidade judaica, procurando compreender que tipos de fenômeno teriam influenciado no surgimento ou não de uma nova linguagem na arquitetura ligada ao judaísmo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e quais os instrumentos arquitetônicos utilizados para a concretização deste processo.

¹ A exposição Jewish Identity in Contemporary Architecture passou por Viena, Munique, Berlin, Londres e Tel Aviv, entre junho de 2005 e junho de 2006. Seus curadores foram Angeli Sachs e Edward Van Voolen.

Para tanto, foi necessário trazer uma discussão ligada à historiografia crítica dos espaços construídos. A compreensão e o desenvolvimento de estudos sobre o tema demandaram, acima de tudo, um confronto com novas abordagens desta arquitetura a temas significativos de elaboração do espaço religioso. A escolha de tais temas, como eixo de sistematização da análise, foi motivada pela observação do espaço religioso tradicional e contemporâneo, focada em alguns de seus elementos de conformação e qualificação de maior destaque: forma, luz e relação com o lugar.

A partir destas premissas, a dissertação estrutura-se em quatro capítulos. O Capítulo 1 apresenta os precedentes históricos da sinagoga, os primeiros espaços de culto no judaísmo do período bíblico: O Tabernáculo do Êxodo no deserto e os dois Templos de Jerusalém. O período da existência dos Templos de Jerusalém (primeiro milênio antes de Cristo) é marcado pela instabilidade territorial e conseqüente surgimento das primeiras sinagogas, episódio que procuramos esclarecer, analisando as circunstâncias que conformarão este espaço da maneira como o compreendemos hoje. Para tanto, o Capítulo 1 busca também identificar elementos básicos da organização do espaço da sinagoga e da sua liturgia, como forma de familiarizar o leitor aos instrumentos de manipulação arquitetônica deste ambiente, bem como permitir o contato com sua dinâmica e questões importantes a ele relacionadas, como os principais modelos de organização planimétrica.

O primeiro capítulo busca ainda reconstruir o cenário da diáspora na Europa até o século XIX, identificando como as restrições vividas pelo judaísmo durante este período histórico teriam influenciado o desenho das sinagogas.

No Capítulo 2, a dissertação trata da renovação deflagrada dentro do judaísmo a partir do século XIX, momento de inserção dos judeus na nova sociedade industrial. Falaremos então do Movimento Reformista, as modificações estruturais na religião, seus reflexos na arquitetura de sinagogas e seus efeitos na busca por uma linguagem estética de caráter judaico. Nesta parte do texto, chegaremos ainda na análise do tratamento dado ao tema da sinagoga pelas vanguardas modernistas, suas interpretações e a formação da raiz das mudanças que marcarão a arquitetura ligada ao judaísmo no pós-guerra.

No capítulo 3, teremos uma análise sobre a questão da identidade judaica após o Holocausto, evento que deixou marcas significativas no pensamento ligado ao judaísmo na segunda metade do século XX. Mostraremos também parte da obra de Erich Mendelsohn e Percival Goodman, dois arquitetos que se destacaram pela quantidade de sinagogas que projetaram e construíram, consolidando no imediato pós-guerra uma série de valores arquitetônicos que se tornaram importantes para o entendimento do processo que seguiu modificando e solidificando a estrutura da sinagoga contemporânea.

A análise da relação entre identidade judaica e arquitetura religiosa, propriamente dita, está concentrada no Capítulo 4, que se divide, por sua vez, em três partes. A partir deste ponto, o exame passa pela confrontação dos projetos de sinagogas levantados durante a pesquisa com os três eixos propostos para sistematização do espaço religioso: forma, luz e relação com o lugar.

Na primeira parte do quarto capítulo, a dissertação busca entender as especificidades do tratamento da forma na arquitetura religiosa, enfatizando seu potencial enquanto suporte de representação simbólica. O rebatimento deste processo no judaísmo complementa este trecho do texto, que contempla a análise da utilização do símbolo no judaísmo e a identificação de diversos caminhos utilizados ao longo da segunda metade do século XX na construção de sinagogas, através da interpretação dos muitos símbolos que foram utilizados na composição formal dos edifícios nos últimos sessenta anos.

A segunda parte do Capítulo 4 fala da relação entre a luz natural e arquitetura religiosa e sua capacidade de reforçar e salientar aspectos da liturgia dentro do espaço dedicado à materialização do sagrado. Esta parte do texto também procura encontrar, através dos exemplos levantados, as diferentes estratégias de tratamento da luz natural em sinagogas do pós-guerra, enquanto artifício de desenvolvimento da identidade religiosa aqui estudada.

Finalmente, na terceira e última parte, o Capítulo 4 reflete sobre a relação estabelecida entre a sinagoga e seu contexto envolvente, observando respostas dadas por alguns arquitetos para a implantação urbana de novos centros comunitários na diáspora e identificando especificidades deste objeto de trabalho nas sinagogas existente em Israel.

Do ponto de vista da metodologia, o primeiro passo consistiu no levantamento de exemplos importantes de sinagogas construídas entre o pós-guerra e a atualidade, sem a realização de recortes espaciais específicos. Neste sentido, a intenção foi também compreender possíveis diferenças existentes entre os edifícios presentes nos Estados Unidos, Israel e América do Sul (pontos principais de destino do movimento migratório provocado pela Segunda Guerra) e Europa. As obras aqui apresentadas representam a tentativa de compilar as mais importantes sinagogas construídas no período estudado, sempre com especial atenção à qualidade do objeto arquitetônico, priorizando a observação de edifícios que apresentassem uma expressão estética coerente com seu tempo e um trabalho cuidadoso com o espaço. A impossibilidade de visitar pessoalmente todos os lugares estudados, a escassez de informação sistematizada sobre o tema e o limite de tempo imposto pela pesquisa certamente deixaram de fora exemplos significativos, embora seja possível afirmar que as construções aqui analisadas servem como uma amostra bastante precisa das sinagogas edificadas nos últimos cinquenta e sete anos.

Para este levantamento, foram utilizadas publicações de tipo catálogo histórico, de caráter compilatório, tais como *"The Synagogue"* de Harold A. Meek, *"American Synagogues: A Century of Architecture and Jewish Community"*, de Samuel Gruber e *"Synagogues of Europe: Architecture, History, Meaning"*, de Carol Herselle Krinsky. Além disso, foi necessário buscar material de exposições recentes acerca do assunto, bem como efetuar pesquisa em *sites* especializados e de arquitetos conhecidos por terem trabalhado com o tema.

Ao fim, a pesquisa resultou em informações sobre aproximadamente sessenta edifícios, todos construídos entre 1950 e 2007. Uma planilha foi então elaborada, compilando informações básicas tais como nome do edifício, localização, ano de construção, nome do arquiteto e fonte das imagens obtidas.

Toda a análise subsequente foi realizada com base às impressões sobre visitas realizadas durante o trabalho e, em sua maioria, fundamentadas na interpretação das fotografias, imagens e desenhos dos prédios, utilizadas como fontes secundárias de pesquisa. Artigos e publicações especializadas foram também usados para o levantamento de revisões historiográficas feita por alguns autores e críticos do tema,

fonte interessante de informação conceitual e técnica a respeito dos prédios estudados.

O trabalho busca, assim, revelar a existência ou não de uma nova sinagoga na atualidade, reflexo das mudanças na religião após a Segunda Guerra. O estudo sobre o tema reflete também sobre a capacidade da arquitetura contemporânea de absorver e colaborar neste processo, sintetizando as tradições estáticas e dinâmicas do judaísmo na era da cultura de massa e da globalização.

A partir da função primordial de um refúgio de paz em tempos de dificuldade, a sinagoga hoje desenvolve um papel diferenciado. Consolida-se como difusora de uma mensagem de tolerância e respeito dentro da religião judaica, num momento em que preservar a própria existência deve confundir-se com a preservação da fraternidade entre todas as crenças.

1 A SINAGOGA

1.1 DA ORIGEM À DIÁSPORA

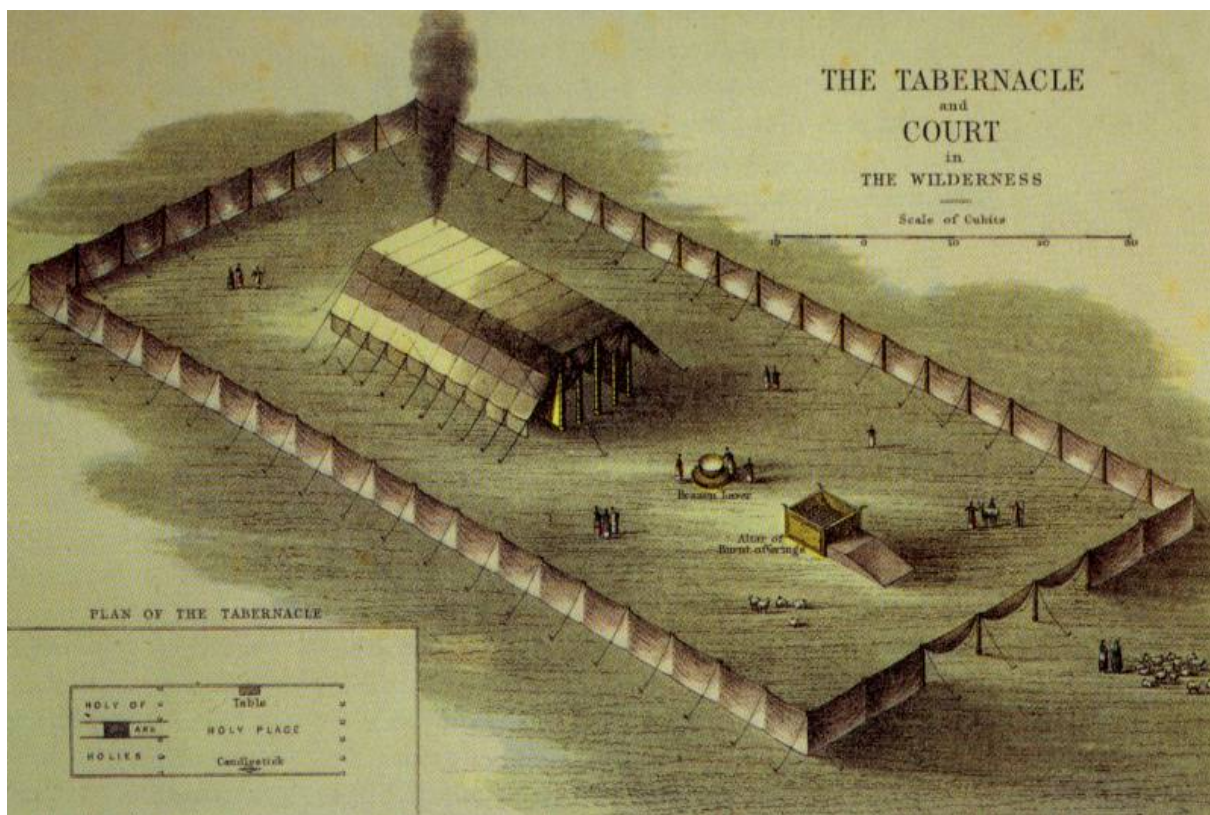
O primeiro templo judeu foi o Tabernáculo. Segundo o Velho Testamento, Moisés recebera ordens do próprio Deus para que construísse um local de culto, nômade como a comunidade recém saída do Egito. Era, antes de tudo, um símbolo da presença divina que serviria pra manter o elo monoteísta das doze tribos de Israel íntegro na peregrinação pelo deserto rumo à Terra Prometida. No livro do Êxodo 25:1, temos:

O Senhor falou a Moisés, dizendo: “Ordena aos filhos de Israel que me tragam oferendas; recebê-las-eis de todo o homem cujo coração o mover espontaneamente. Estas são as coisas que aceitareis: ouro, prata e bronze; violeta, púrpura, escarlata, bisso, pêlo de cabra; peles de carneiro tingidas de vermelho, peles de texugo e madeira de acácia [...]. Edifiquem um santuário para que eu habite no meio deles. Executarás o santuário e todos os seus utensílios, exatamente conforme o modelo que te mostrarei” (BÍBLIA SAGRADA, 1969, Êxodo 25:1, p.95).

O livro do Êxodo segue, a partir deste momento, descrevendo detalhadamente a execução e aparência de todos os utensílios litúrgicos do Tabernáculo. Não só isso, segue com uma descrição arquitetônica e construtiva bastante minuciosa dos espaços que comporiam o complexo da tenda religiosa.

O Tabernáculo era um retângulo descoberto, delimitado por um acortinado. No pátio, orientado para o leste, estava altar em bronze onde eram realizados os

sacrifícios e a pia onde Aarão, o primeiro sacerdote judeu e patriarca da linhagem dos *Cohanim*², e seus filhos lavavam as mãos antes de realizar os sacrifícios.



Reconstituição do Tabernáculo, realizada no século XIX. Fonte: MEEK, 1996, p.27.

Logo depois da pia estava o santuário propriamente dito, uma tenda coberta por uma série de camadas de cortinas sustentadas por grandes colunas de madeira revestidas em ouro. Dentro do volume, uma cortina dividia o espaço em dois, de forma que a parte mais sagrada fosse um cubo perfeito, conhecido como o Sagrado dos Sagrados. Neste recinto estava a Arca da Aliança, receptáculo das Tábuas da Lei. Aí jaziam não só as Tábuas propriamente ditas, mas também os pedaços da primeira edição quebrada por Moisés quando de sua ira ao ver seu povo adorando a imagem de um bezerro de ouro, descendo do Monte Sinai a primeira vez.

A parte aberta do santuário, entre o Sagrado dos Sagrados e a entrada pelas cortinas, abrigava um pequeno altar para incenso, um candelabro de ouro e a mesa sobre a qual deveria estar o pão da apresentação. A rigor todas as instruções para a confecção destes utensílios estão registradas no livro do Êxodo, mas a

² Sacerdotes israelitas.

própria afirmação de que Moisés deveria continuar da forma como lhe “fora explicado no Monte (Sinai)” sugere a existência não só da lei escrita judaica (a *Torah*, ou Pentateuco) como também da lei oral, a *Mishnah*. A peregrinação do deserto continua ainda por vários anos. Moisés ordena aos hebreus que vaguem durante quarenta anos para que uma nova geração surgisse. Uma geração pronta para a construção de um novo reino, substituta do ceticismo daqueles que saíram de uma longa escravidão no Egito dos faraós e recusaram-se a enfrentar o desafio de construir uma nova nação. Ao próprio Moisés não é dado o direito de pisar na Terra prometida, apenas de vislumbrá-la, antes de atravessar o Rio Jordão. Moisés morre sozinho, no pico do monte Nabo e é enterrado em lugar desconhecido até os dias atuais.

A liderança das doze tribos judaicas passa então para as mãos de Josué, que inicia a tomada da Terra Sagrada e a construção do Reino de Israel.

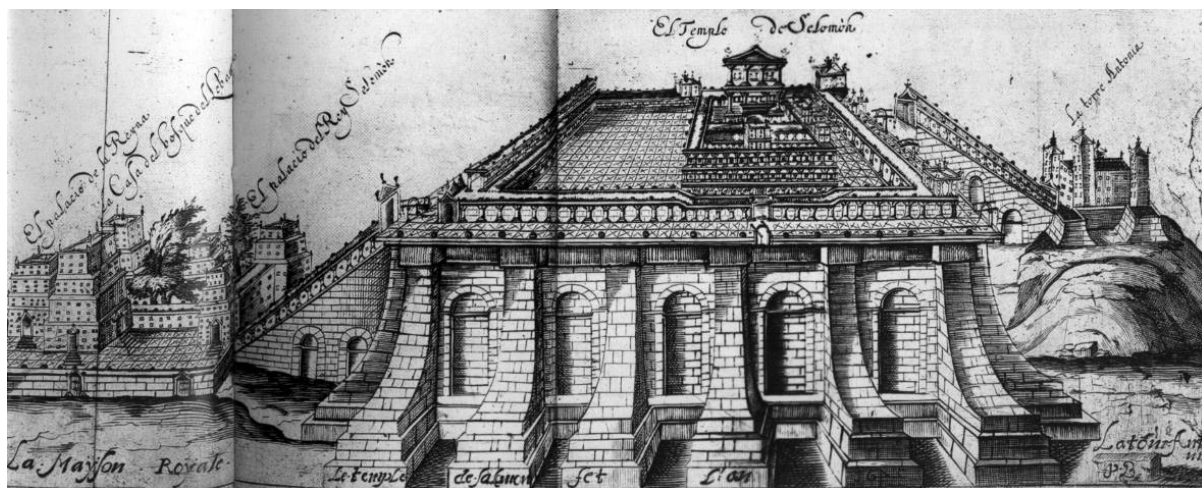
Os duzentos anos que separam a entrada dos judeus em Canaã e o começo do império Hebreu foram tempos de muita instabilidade política, um momento em que ainda não havia um Estado unificado. As tribos hebraicas estavam constantemente em guerra, principalmente com os Filisteus, inimigos situados perto do Mediterrâneo. Diversos acontecimentos se seguiram, além de muitas disputas pelo poder real, que significava o comando das doze tribos israelenses. Será somente sob o governo de David e Salomão (1000-922 AEC³) que o reino de Israel transforma-se de uma sociedade feudal para um dos mais poderosos Estados do Mediterrâneo Oriental. O reino era governado de Jerusalém, cidade que David fez capital depois de governar em Hebron por alguns anos.

Enquanto rei, e mesmo sob a pressão de disputas com seu próprio filho, Absalão, David edifica um grande palácio real, colocando próximo ao edifício a tenda do Tabernáculo e a Arca da Aliança. O desejo de David de construir um grande templo que pudesse abrigar apropriadamente a lei de Deus só será atendido por seu filho e sucessor, Salomão.

O Templo de Salomão levou sete anos para ser construído, do quarto ao décimo primeiro ano de seu reino (957-950 AEC). Com a ajuda dos fenícios e da madeira

³ O trabalho utilizará como referência temporal as siglas “AEC” (antes da era comum) e “EC” (era comum), substituindo respectivamente as siglas a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo).

libanesa, Salomão construiu um imenso edifício, uma versão do Tabernáculo em pedra. O prédio mantinha a organização planimétrica longitudinal e também repetia a presença de um prédio menor rodeado por um pátio, que neste caso era o topo de uma plataforma elevada em relação à topografia existente.



Gravura mostrando a possível aparência do Templo de Salomão. Autoria do Rabino Jacob Judah Leon. Amsterdam, 1642. Fonte: MEEK, 1996, p. 37.

A entrada do templo se dava pela parede leste, um dos lados mais curtos, e era guardada pelas duas colunas gêmeas, "*Jachin e Boaz*". Dentro, o primeiro ambiente era o *Ulam*, uma espécie de pórtico que serviria para separar o profano do sagrado. Depois desta sala, tínhamos o *Hekhal*. Este salão era o espaço que continha a maioria dos acessórios, uma vez que era aí que se celebravam os sacrifícios. O salão, sem apoios estruturais intermediários, media 18,4m de comprimento por 9,2 de largura com um pé direito de 13,8 metros. A última câmara, depois do *Hekhal*, era o Sagrado dos Sagrados, local onde ficava a Arca Santa. O espaço era um cubo perfeito, onde nada mais havia senão a arca, ornada com querubins "... de madeira de oliveira, cuja altura da asa de cada um era de dez côvados (4,6m)" (BIBLIA SAGRADA, 1969, Reis 6:23, p.356).

O Templo de Salomão parece ter sido uma das grandes construções da antiguidade oriental. Alguns de seus elementos peculiares, como as colunas gêmeas que marcavam a entrada do santuário são figuras reproduzidas de forma figurativa em muitos edifícios ao longo da história.

Após a morte de Salomão, em 922 AEC, seu reino foi dividido em dois estados: Judah, no sul e Israel no norte. Intrigas e disputas seguem a este rompimento e é

finalmente em 586 AEC que Nabucodonosor, Imperador da Babilônia, conquista Jerusalém, destruindo a cidade e o Templo, dispersando os hebreus em exílio.

Esta primeira diáspora⁴ não duraria mais do que cinquenta anos, tempo suficiente, no entanto, para que os judeus incorporassem novas noções de comércio e a escrita de letra quadrada.

A teoria mais aceita para explicar as origens da sinagoga trata justamente desse período: na falta do Templo, muitos grupos teriam se organizado, reunindo-se em edifícios especiais para oferecer preces a seu Deus e pequenos sacrifícios, o que dá origem a uma liturgia “pública” que já não era mais exclusiva dos sacerdotes.

[...]os líderes da comunidade judaica estabeleceram, às margens das águas da Babilônia, casas de culto para prece e exortação, voltando suas vistas para a Jerusalém que eles não podiam esquecer. Os dias da alegre primeira volta a Sion despontavam agora, e o Templo ressurgia de suas cinzas; mas o hábito de encontros comunais estava tão arraigado, provavelmente, e viu-se que era tão útil, que se espalhou logo pela diáspora judaica gradualmente crescente, no império persa, e depois nos domínios helenísticos. (AVI-YONAH, 1967, p. 45).

Assim, o mais provável é que as primeiras sinagogas tenham aparecido durante o exílio babilônico.

Acredita-se que os primeiros modelos de sinagoga neste período tenham ignorado a estrutura do Templo, buscando a construção de um lugar de reunião que pudesse abrigar a congregação em volta da leitura da Torah. Segundo Harold Meek:

⁴ Segundo o dicionário Aurélio, “Diáspora” é: **1.** A dispersão dos judeus, no decorrer dos séculos; **2.** Dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominadores intolerantes. O judaísmo entende o termo “diáspora” não só como o fenômeno migratório em si, mas como a própria condição daqueles que vivem fora da Terra Santa, Israel.

Um protótipo mais adequado para um edifício que deveria acomodar um ato coletivo de adoração era o *bouleuterion*, a “Câmara de Conselho” da Grécia Antiga, que era desenhada para a congregação de pessoas e para a comunicação de discursos. O *bouleuterion* em Atenas era um edifício quadrado, com bancos correndo paralelos a três paredes. A quarta parede dividia o espaço principal do lobby de entrada; qualquer pessoa que fizesse o discurso estaria no centro da sala (MEEK, 2000, p. 64 – trad. nossa).

Assim, as primeiras sinagogas teriam se diferenciado do Templo e criado um novo conceito de edifício religioso voltado para uma pequena congregação, sujeito às circunstâncias terrenas (não era a Casa de Deus, como o Templo) e destinado à presença do cidadão comum e não da casta sacerdotal.

Em 538 AEC, Cyrus o Grande, da Pérsia, invade a Babilônia, conquistando-a e permitindo que os exilados voltassem a suas respectivas terras.

Em 515 AEC, um novo Templo é dedicado a Deus. O esquema lembrava o mesmo do edifício anterior, embora aqui não tenhamos a mesma riqueza dos registros que nos deram detalhes sobre o Templo de Salomão. Parece ter havido, uma vez mais, o esquema unidirecional, de eixo definido, sobre o qual se caminha da entrada até o espaço mais sagrado. Este esquema acabará se tornando muito importante, não só para sinagogas, mas posteriormente para a organização das igrejas cristãs.

É importante notar que mesmo após a volta do exílio na Babilônia e a reconstrução do Templo o hábito de reunir-se num espaço alternativo continuou. Algumas sinagogas foram erigidas contemporaneamente ao segundo Templo, normalmente em aldeias e campos mais afastados, mas também nos arredores de Jerusalém. O Templo já não era mais o centro absoluto da liturgia judaica, que já contava com a sinagoga.

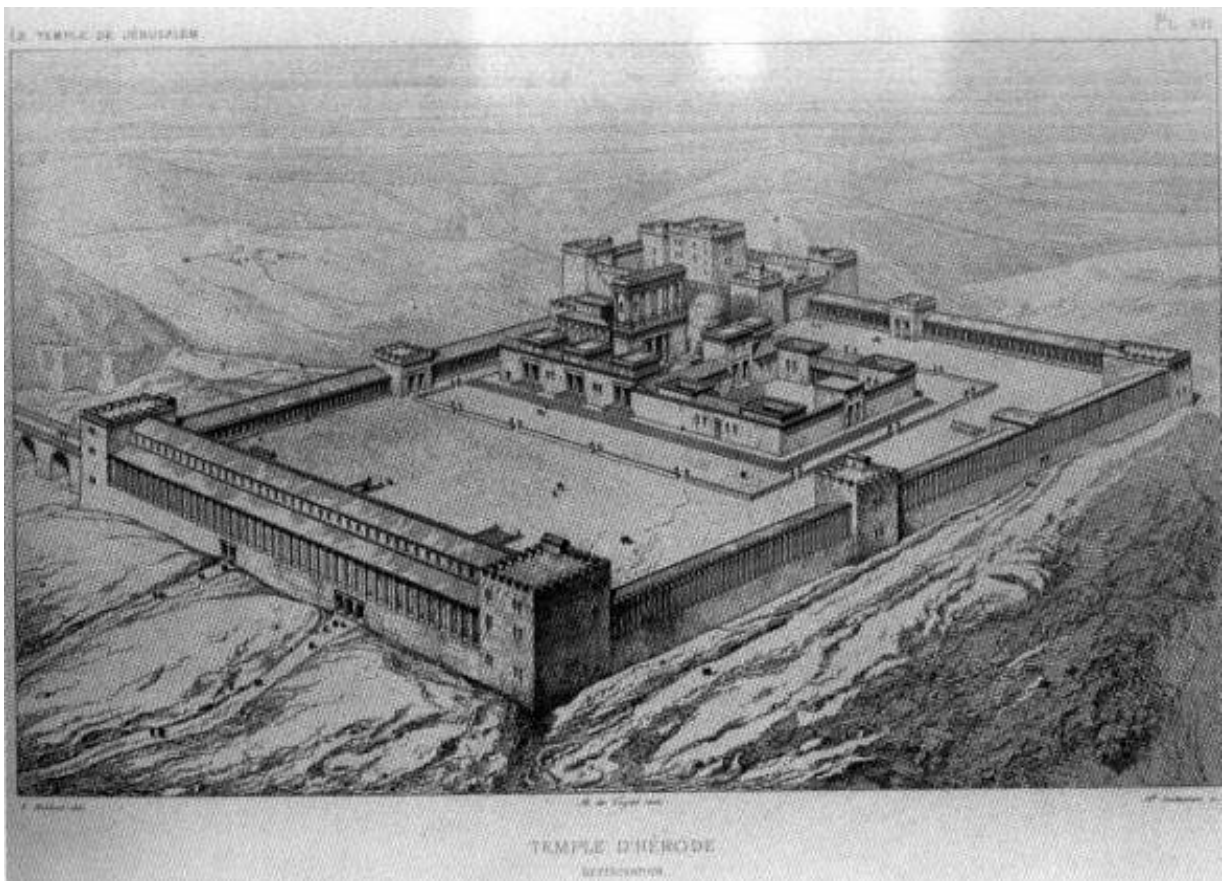
No primeiro século antes da Era Comum, após numerosas crises políticas, o reino da Judéia passa ao domínio romano. As legiões entraram em Jerusalém em 63 AEC e logo a Judéia ganharia força no cenário do Império, sob o comando de Herodes I.

Herodes era um descendente Hebreu, de forma que, apesar de governar seu território com mãos de ferro, tinha extrema tolerância com os judeus. Sob seu regime e sua influência, o Império Romano de Augustus assistiu uma grande dispersão judaica sobre seu território, antes mesmo da queda definitiva do “reino de Israel”.

Sob o domínio de Herodes, o Templo sofreu uma ampliação, chegando a cerca de cento e quarenta mil metros quadrados, maior do que jamais fora⁵. As dimensões das alvenarias utilizadas para erguer este edifício atestam a monumentalidade do prédio: os muros de contenção da plataforma onde ficava o Templo são compostos por pedras que chegam a doze metros de comprimento. Cerca de mil sacerdotes trabalhavam na administração das partes mais sagradas do Templo e pouco antes de sua destruição ainda haviam detalhes sendo acrescentados ao edifício. A planta seguia o esquema existente, com um pátio externo para mulheres, ao qual se seguia um outro espaço aberto, onde ficavam os homens. Passando por este espaço, tínhamos o santuário propriamente dito, precedido por um vestíbulo e dividido por uma cortina do Sagrado dos Sagrados, agora um espaço vazio, sem a Arca da Aliança. Um provérbio da época, citado no *Talmud*, dizia: “Aquele que não viu o templo de Herodes nunca viu um edifício bonito”.

Embora os judeus fossem obedientes aos romanos num primeiro momento, conflitos surgiram já no século I EC. Após a morte de Herodes, o reino judeu foi proclamado uma província do Império Romano e novos governadores foram anunciados. A severa política destes novos governantes suscitou uma revolta judaica no ano de 66 EC, fortemente reprimida. Primeiramente sob a tutela de Vespasiano e posteriormente sob o comando de seu filho, Tito, os romanos levaram quatro anos para derrotar os hebreus. No ano de 70 EC, finalmente entraram em Jerusalém com grande poder bélico, destruindo tudo o que viram pela frente, inclusive o Templo. Mais de 110.000 pessoas morreram e mais cerca de 100.000 foram escravizadas e dispersas pelo império. A destruição do Templo foi o ponto culminante da guerra entre judeus e romanos.

⁵ Grande parte da historiografia judaica deste período é compilada na obra de Flavius Josephus, historiador judeu que viveu entre 37 EC e 100 EC. Fonte: <http://members.aol.com/fljosephus/home.htm>



Reconstituição do Templo de Herodes, desenhada por Melchior de Vogué, em 1864. Fonte: MEEK, 1996, p.48

Após 60 anos da destruição do templo, o imperador Adriano visitou as ruínas de Jerusalém e decidiu construir uma nova cidade pagã, chamada Aelia Capitolina, no lugar da antiga Jerusalém. Um templo dedicado a Júpiter acabou com o sonho de alguns idealizadores de reconstruir o templo. Jerusalém segue seu curso e retoma seu nome quando, sob o comando de Constantino, o Império Romano adota a fé cristã como religião oficial. Uma nova tentativa de reconstruir o templo ainda é feita no século IV, embora mal sucedida.

Hoje a plataforma do Templo é ocupada pelo "Domo da Rocha", uma mesquita islâmica construída quando das primeiras vitórias árabes na conquista do Oriente Médio, ainda no século VII EC. Este edifício octogonal, um dos símbolos da Jerusalém moderna, foi construído na intenção de criar uma outra opção à *Kaaba* de Meca para os peregrinos árabes.

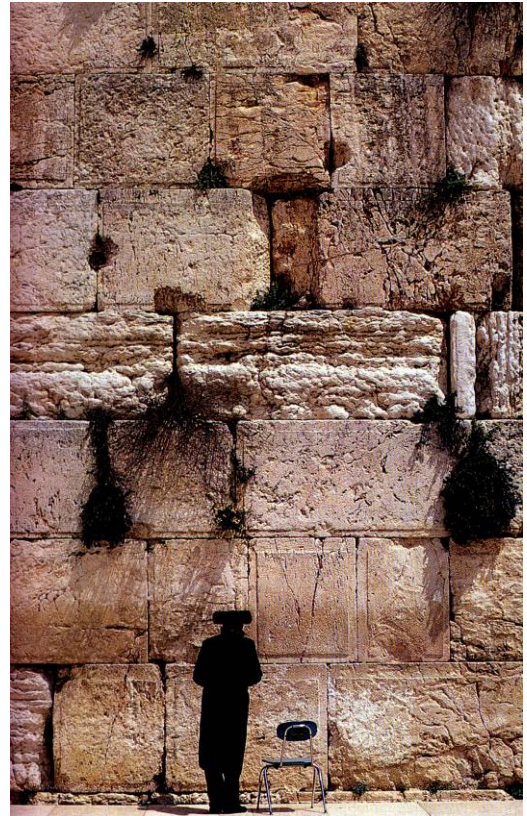


Destrução do Templo, obra do artista holandês Jan Luiken (1729). Fonte: MEEK, 1996, p.42.



À direita da foto o Muro das Lamentações e a cúpula dourada do Domo da Rocha. Foto: Sergio Ekerman

O muro leste do Templo, único resquício do edifício original, ficou praticamente escondido nos quarteirões da Jerusalém árabe-medieval até aproximadamente 1970. Em 1967, quando os judeus retomaram a velha Jerusalém aos Jordanianos, que por dezoito anos haviam banido os hebreus desta parte da cidade, uma grande praça foi construída ao lado do Muro das Lamentações. Hoje o Muro é um dos símbolos da religião e diversas cerimônias importantes tomam por cenário a grande parede de calcário, outrora parte do edifício erigido por Herodes.

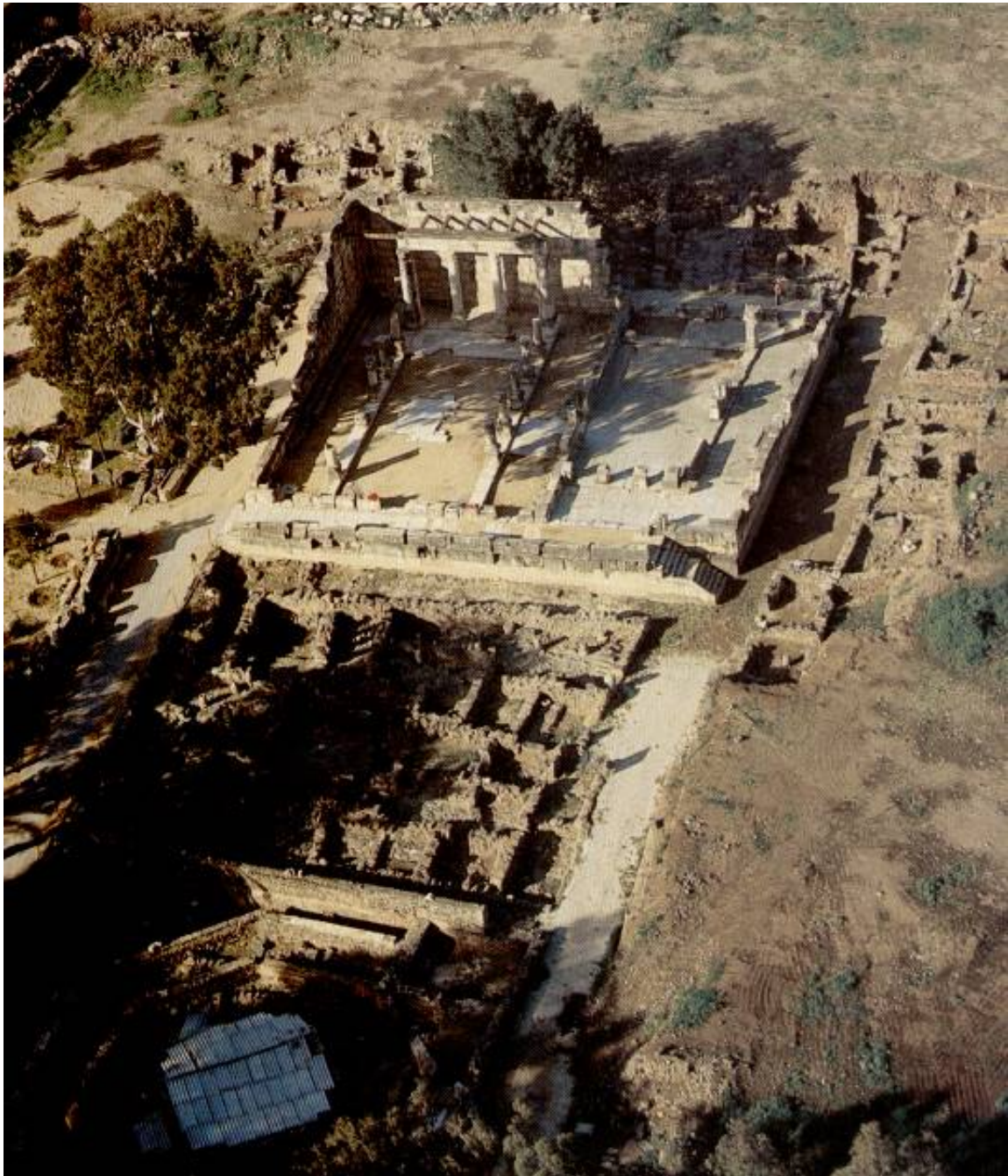


O Muro das Lamentações é uma contenção da plataforma onde ficava o Templo propriamente dito. Fonte: MEEK, 1996, p.55.

O momento da diáspora em 70 EC e a perda definitiva do Templo também marcaram a construção de novas sinagogas. Assim como fora feito quinhentos anos antes, os judeus procuraram modelos de edifícios públicos capazes de congregar a todos numa liturgia de leitura, motivo pelo qual a Basílica romana é o modelo para os principais exemplares de sinagoga encontrados nas escavações arqueológicas em Israel, cujas descobertas mais importantes datam do século II EC em diante. Estes prédios caracterizavam-se por serem edifícios longos, de eixo definido (orientado a Jerusalém), com vestibulo, naves laterais e galerias superiores, além de ábside ao fundo, onde ficava a Arca Sagrada e a *Torah*.

Estas sinagogas também possuem elementos que evocam alguns detalhes do Templo destruído. Mais por razões práticas, do que propriamente por gratuitas citações evocativas, muitas sinagogas possuíam um pátio e uma cuba para lavar as mãos, como o Templo. Deste período (século II EC), dois representantes importantes são as sinagogas de Kefar Birim e Cafarnaum, ambas localizadas na Galiléia, norte de Israel.

Assim, é importante entender o processo de consolidação da sinagoga após a destruição do Segundo Templo no contexto da busca por um espaço alternativo de liturgia, onde a adaptação de edifícios cuja origem está fora do judaísmo serviu a este propósito. A busca pela referência judaica era feita através de afrescos e mosaicos de representação bíblica, incorporando no judaísmo uma primeira experiência de figuração humana e animal de caráter simbólico.



Ruínas da Sinagoga de Cafarnaum (séc. II EC), na Galiléia. A foto mostra o santuário retangular de planta basilical, com três naves, ladeado por um pátio. Fonte: MEEK, 1996, p.73.

1.2. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS PARA A LITURGIA NA SINAGOGA

O edifício da sinagoga tem um propósito triplo. O primeiro deles é o de servir como local aonde as preces direcionadas a Deus são realizadas, uma casa de prece e oração, ou *Bet Ha Tefilah*.

A segunda função básica do espaço da sinagoga é servir de casa de estudo ou *Bet Ha Midrash*. É através do estudo das compilações da lei judaica e suas interpretações e comentários que se construíram e que se continuam construindo as bases éticas e morais da religião judaica. Esta função fez da sinagoga uma "escola", um centro de aprendizado e aperfeiçoamento. Não à toa, uma mesma palavra é usada no dialeto lídiche para designar sinagoga e escola: "*shul*".

Terceiro e mais importante, a sinagoga é o ponto de encontro da comunidade, local de realização de debates, reuniões e tomadas de decisão. Ela é a casa da congregação, o *Bet Ha Knesset*. O próprio termo sinagoga, originário da expressão grega *synagein*, "reunir-se", resume o espírito do edifício. Nesse sentido, o serviço na sinagoga só acontece se estiver presente o *Minian*, ou quorum mínimo. O *Minian* é um grupo composto por dez judeus (normalmente homens) acima da maior idade religiosa (13 anos), que configura a vida da liturgia e do espaço religioso judaico. Segundo o Rabino Gustavo Zuraszki, "dez pessoas que se reúnem são mais que dez indivíduos; têm uma alma coletiva [...] Dez judeus que rezam já não são mais dez indivíduos, são uma congregação" (ZURASZKI, 2007, p.1).

Dentro da estrutura física da sinagoga, o elemento mais importante é o *Aron Ha Kodesh*, ou Arca Sagrada. A Arca Sagrada guarda os rolos santificados da *Torah*, a lei oral e escrita outorgada por Deus a Moisés no Monte Sinai, item estrutural da liturgia judaica. O *Aron Ha Kodesh* é um herdeiro do *Aron Ha Birit*, a Arca da Aliança, o baú que armazenava as Tábuas da Lei no Tabernáculo do deserto e era símbolo da presença física de Deus na terra. Depois de ter se perdido, com a destruição do primeiro Templo de Jerusalém, a Arca da Aliança deu lugar ao *Aron Ha Kodesh*. De acordo com a tradição, a Arca Sagrada é normalmente um armário de madeira (material que fora usado na confecção do *Aron Ha Birit*), mas não há regras rígidas a respeito de seu desenho e execução. Na frente das portas do

armário está o *Parochet*⁶, uma cortina normalmente de veludo, seda ou cetim que lembra a tenda do Tabernáculo.

Além da Arca, outro componente fundamental na estrutura física da sinagoga é o baldaquino, mais conhecido pelo termo *bimah*.⁷ A presença da *bimah* na sinagoga é remanescente da plataforma presente no pátio do Templo de Jerusalém, de onde se liam trechos da *Torah* para o povo. Após a destruição do Templo, tal elemento teria sido incorporado à estrutura do *Bet Ha Knesset*. (LEVISKY, 2000, p. 163).

Até hoje, a *bimah* cumpre função muito semelhante àquela exercida no Templo. Mesmo quando a *Torah* está guardada, é este o ponto de onde o oficiante do serviço conduz as preces, ou onde o rabino faz sua prédica.

Também para a *bimah* não há regras rígidas de desenho. Do ponto de vista funcional, recomenda-se que ela seja uma plataforma elevada, com espaço suficiente para algumas pessoas em pé, uma vez que a liturgia prevê o chamado de integrantes da congregação para a leitura dos textos sagrados. Além disso, a *bimah* deve ter um banco ou algumas cadeiras, reservadas ao momento em que pelo menos duas pessoas ficam sentadas, com os pergaminhos da *Torah* fechados sobre o colo, à espera de devolvê-los à Arca.

O serviço litúrgico judaico, que combina a leitura regular e ordenada do Pentateuco a preces da comunidade para Deus, cria uma intensa dinâmica entre *Aron* e *bimah*, que estabelecem um esquema espacial bipolar. A Arca tem importância simbólica sagrada destacada, enquanto o baldaquino é foco de atenção funcional, durante o serviço. Entre eles, o principal elemento de ligação é a *Torah*, que transita de um ponto a outro durante a liturgia.

Muitas foram as soluções artísticas e arquitetônicas utilizadas no tratamento da *bimah* e do *Aron Ha Kodesh* dentro da sinagoga. Do ponto de vista da planta, entende-se que estas soluções dividiram-se em basicamente três tipologias, que têm em comum a presença de um vestíbulo precedendo a nave principal: o primeiro, de origem *ashquenazita*⁸, contempla uma planta com a *bimah* ao centro

⁶ Lê-se *parorret*. Na transliteração do Hebraico para o Português lemos o “ch” com som de “rr”

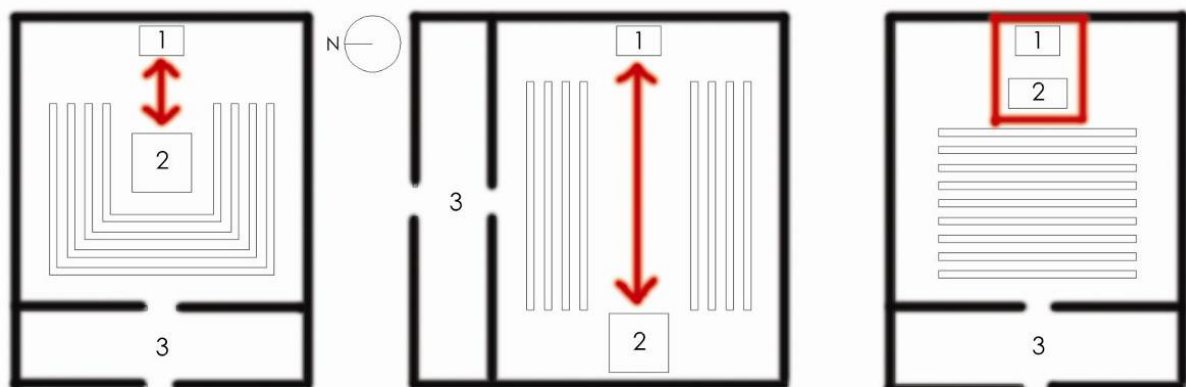
⁷ Do grego “palco”, “tribuna do orador”.

⁸ Nome dado ao grupo de judeus oriundos da Europa do leste, França e Alemanha.

e a Arca encostada na parede orientada ao leste. A congregação, neste caso, rodeia o leitor e a plataforma, "abraçando-a" e a entrada está na parede oeste.

O segundo esquema é também muito tradicional e perpetuado pelos judeus *sefaraditas*⁹, que empreenderam uma tentativa de resolver a bipolaridade espacial da sinagoga ao colocar o *Aron* e a *bimah* em paredes opostas (leste e oeste), situando a entrada na parede norte ou sul. Este esquema é muito interessante, pois cria um corredor por onde a *Torah* passa quando é levada do armário até a plataforma de leitura. No entanto, acaba dando ao espectador, situado ao longo das paredes mais longas da planta retangular (norte e sul), uma posição um pouco desagradável para acompanhar o culto.

O terceiro tipo reflete uma mudança bastante radical com relação aos primeiros, levada a cabo durante o chamado Movimento Reformista, vivido por muitas comunidades judaicas europeias (principalmente *ashquenazitas*) no início do século XIX, configurando-se assim no mais novo dentre os três esquemas. Nele, a *bimah* assume uma posição junto à Arca Sagrada, concentrando toda a atenção do público no leste, num arranjo tipo teatro, criando uma tipologia mais parecida com aquela de uma igreja cristã.



Diferentes esquemas planimétricos, marcados pela bipolaridade da planta da sinagoga: ashquenazita, sefaradita e Reformista. 1 – Aron Ha Kodesh; 2 – Bimah; 3 – Vestíbulo de entrada.

⁹ Originários da península ibérica. Sefarad quer dizer Espanha em hebraico. O termo identifica os judeus que se instalaram em Portugal, Espanha e norte da África depois da saída da Palestina em 70 EC, desenvolvendo forte intercâmbio com a cultura local e criando novos dialetos como o ladino, que admitiu influências do hebraico no castelhano. É um grupo também conhecido pela convivência pacífica com os Árabes, que ocuparam principalmente o sul da Península Ibérica entre os séculos VIII e XV EC. A Inquisição, a partir de 1492, marca uma diáspora sefaradita em direção à Europa Oriental, África e América.

Quase todos os elementos litúrgicos judaicos têm origem no Tabernáculo e nos dois Templos de Jerusalém, os primeiros espaços religiosos do judaísmo. Além da Arca Sagrada e do baldaquino, toda a sinagoga deve ter uma *menorah*, um candelabro de sete braços, em recordação ao candelabro que ornava a parte sagrada do Tabernáculo. Acima do *Aron Ha Kodesh* também é obrigatória a presença do *ner tamid*, ou luz eterna, uma chama permanentemente acesa (de preferência originada da queima de algum tipo de óleo) que simboliza a aliança entre Deus e os Judeus. A construção da *menorah* e do *ner tamid* também não é regulada por regras ortodoxas, algo que as torna, junto à Arca e à *bimah* um tema de trabalho arquitetônico dentro da sinagoga.

O tema da purificação e ablução com água é também uma antiga tradição do Templo, que se traduz dentro da sinagoga na presença de uma *Mikvê*, a banheira ritual de purificação, em algum ponto mais reservado da edificação. Além disso, o vestíbulo deve abrigar uma pia para lavagem das mãos antes da entrada da sinagoga (*netilat yadaim*).

Os horários de rezas são oriundos da estrutura litúrgica do Templo e teoricamente acontecem todos os dias, de manhã (*shacharit*), à tarde (*mussaf*) e noite (*minchá*). O *shabat* (sábado em hebraico) é o dia santo da semana e tem início ao nascer da primeira estrela da sexta-feira. O serviço de *shacharit* do *shabat* marca a leitura semanal da *Torah*, cujo ciclo é anual. O trecho da semana a ser lido é chamado de *Parashah*. Logo após, lê-se a *Haftarah*, outro trecho, normalmente dos livros dos profetas, que se refere ao tema da *Parashah*, fechando o serviço da manhã do sábado, o mais importante da semana.

Além de herdar elementos de seus precedentes, a sinagoga também tem regras funcionais e litúrgicas definidas através da interpretação das leis judaicas em obras de referência teológica como o *Talmud*¹⁰, por exemplo. Uma das mais importantes diz respeito ao fato de que aquele que está rezando deve estar virado para Jerusalém, pois assim o fez o profeta Daniel, exilado na Babilônia: “[...] Daniel [...] foi para sua casa, a qual tinha, no seu aposento, janelas abertas em direção de

¹⁰ O Talmud é a junção de dois livros milenares da teologia hebraica. O primeiro é a *Mishnah*, obra que compilou séculos de sabedoria judaica oral, e foi escrita no século II EC. O segundo é a *Guemarah*, uma coletânea da série de estudos e interpretações da *Mishnah*, e que foi concluída no século V EC.

Jerusalém, e três vezes por dia, ele se punha de joelhos, orava e louvava seu Deus” (BÍBLIA SAGRADA, 1969, p.1111, Daniel 6:11).

Em outras palavras, toda sinagoga na diáspora ocidental deve estar orientada para leste¹¹, o que significa que a Arca Sagrada está sempre posicionada junto ao muro que tem esta orientação, fazendo com que a congregação reze mirando a *Torah* e, por consequência, Jerusalém, antiga sede do Templo.

Outra disposição da *Halachah* (leis judaicas) acerca da liturgia judaica é a *Mehitza*, a separação de homens e mulheres dentro do *shul*. Na visão do judaísmo ortodoxo, os sexos devem estar apartados na sinagoga, até mesmo sem contato visual. No entanto, as diferentes orientações religiosas judaicas, vêem o assunto de maneiras diversas¹². As comunidades reformistas aboliram a separação completamente, por exemplo, permitindo também a presença de mulheres na leitura da *Torah* e na condução dos serviços. Outras comunidades mantêm a separação física através do uso de uma galeria elevada, enquanto algumas buscam uma alternativa mais simbólica, através de uma ligeira diferença de cota de nível no piso. Já congregações como a Sociedade Israelita da Bahia não observam qualquer tipo de separação, mas as mulheres não podem ler a *Torah* ou officiar serviços. O tema, desta maneira, assume múltiplas facetas, cabendo ao arquiteto responder às demandas daquela congregação, representada pelo rabino que tem o papel de observar aquilo que deve ser feito ou não.

O rabino da comunidade, neste sentido, é aquele que prega, ensina e trata de questões pertinentes ao funcionamento da congregação e das atividades comunitárias. É também o rabino que cuida tanto de feriados judaicos importantes, quanto de acontecimentos ligados ao ciclo da vida judaica como o *Bar Mitzvah* (maior idade religiosa) ou o casamento. O rabino não é como o padre, um sacerdote de Deus na terra, mas sim alguém formado na *Yeshivah*, a escola teológica judaica. Isto significa, na verdade, aprofundar-se nos assuntos pertinentes

¹¹ Nas sinagogas situadas no hemisfério leste do globo, a orientação se dará a Oeste, sempre na direção de Jerusalém.

¹² É importante ressaltar que o Judaísmo não possui um comando central, ou mesmo hierarquia clerical organizada. Nesse sentido, coexistem diferentes orientações frente à forma de viver a religião, sua liturgia e vida cotidiana. Os principais grupos, nos dias atuais, são os ortodoxos, os conservadores, os liberais e os reformistas, orientações que variam na sua maneira de enxergar as restrições da lei judaica tradicional com respeito à alimentação (as leis de Kashrut) e a maneira de se vestir ou de comportar-se durante o shabat (sábado), por exemplo.

às leis judaicas tornando-o apto a orientar e ser o representante oficial de sua congregação.

Na sociedade medieval européia, onde os judeus eram um grupo absolutamente segregado da ordem cristã vigente, o tribunal rabínico (*Beth Din*) decidia diversas questões jurídicas, inclusive aquelas ligadas à posse de terras. A sinagoga era o espaço onde importantes anúncios eram feitos e até mesmo negócios eram legitimados. O rabino medieval era o grande professor, lecionando as mais diversas disciplinas e alfabetizando as crianças no hebraico, numa época em que poucos sabiam ler ou escrever. Este papel persiste até hoje, sendo o rabino uma figura fundamental dentro da preservação do conhecimento tradicional do judaísmo.

Os serviços religiosos, dessa forma, não demandam a presença obrigatória do rabino, sendo que qualquer membro da comunidade pode ser o oficiante, contanto que exista o *Minian*. No entanto, é comum que as congregações tenham também um *chazan* (cantor), um estudioso, conhecedor do Hebraico, da *Torah* e das melodias que caracterizam a liturgia na sinagoga. A maneira com que a congregação acompanha o *chazan* durante o serviço também varia de acordo com a sua orientação religiosa. Os mais ortodoxos, por exemplo, definem individualmente o passo da leitura das preces, criando um ambiente mais "desorganizado". Já os Reformistas e Conservadores aderiram ao coro e ao canto uníssono dentro da sinagoga, que segue o *chazan* de maneira ordenada.

Desta forma, podemos observar que poucas são as regras rígidas de conformação da liturgia e do espaço religioso judaico. É mais apropriado falarmos de elementos para uma liturgia judaica, que ao longo da história receberam diferentes tratamentos e organizações, resultando assim em espaços distintos. Esta heterogeneidade é uma característica histórica da sinagoga e ainda hoje persiste a dúvida sobre os caminhos para consolidação de um arranjo universal destes elementos litúrgicos. Mesmo programas anexos importantes, tais como a *Mikvê*, a banheira ritual de purificação, nem sempre estão presentes, também dependendo da orientação religiosa da congregação e dos meios financeiros que permitam sua concretização.

1.3 DA DIÁSPORA AO SÉCULO XVIII

Após a definitiva destruição do Templo e a diáspora do ano 70 EC, boa parte da população judaica espalhou-se pela Europa e norte da África, iniciando uma ocupação lenta e gradual, porém sólida, deste território. Assim como em seu surgimento, quando utilizou modelos tipológicos alheios ao do Templo para organizar-se, a sinagoga da diáspora no primeiro milênio seguiu um caminho semelhante. Ao chegar em terras desconhecidas, os judeus levaram poucas referências arquitetônicas, adaptando sua liturgia à arquitetura e às condições técnicas locais.

Na Europa, maior destino dos imigrantes, os remanescentes mais antigos de sinagogas datam do século XII. Deste momento, destacam-se as sinagogas góticas de Worms (1175) e de Praga (séc XII), cidades da atual República Tcheca. Admita-se que o período anterior tenha sido marcado pelas dificuldades do exílio, bem como pelo isolamento num sistema feudal caracterizado pela ordem católica do medievo europeu. Nesse sentido, o afastamento das comunidades judaicas em relação à ordem social vigente será uma marca presente em quase toda a Europa, não só na época da Alta Idade Média, mas também no período que se segue até o século XIX. A grande maioria das comunidades não foi capaz de construir uma sinagoga, adaptando espaços alternativos tais como porões e estábulos, principalmente se o período era de maior intolerância.

Dentre os locais de “confinamento judaico” mais conhecidos na história europeia estão as judiarias da Península Ibérica pré-inquisição e os “ghetti” italianos, modelos práticos de como essas comunidades eram compulsoriamente organizadas. Destaca-se neste contexto o Gueto de Veneza, onde viveram no século XVII as comunidades *sefaraditas*, que haviam fugido da Espanha após 1492, ano de estabelecimento do Tribunal da Inquisição.

A diferenciação entre judeus *ashquenazitas* e *sefaraditas*, será ainda outro elemento de descentralização da expressão artística judaica, à medida que estes dois grupos desenvolveram rituais, espaços e dialetos diferentes entre si, embora de raiz semelhante.

Assim, diversos modelos de sinagoga foram materializados durante a Idade Média, o Renascimento e o Barroco. Alguns dos exemplares mais importantes, mostrados nas imagens a seguir, ilustram a variedade de soluções construtivas e de vocabulário, que variavam de acordo com o tempo, o lugar e o regime político-religioso dominante.

Na expressão decorativa do espaço interior, vale destacar o esforço realizado em prol da manutenção das tradições religiosas, ação que conservou vivos os elementos fundamentais da sinagoga: a Arca Sagrada (*Aron ha Kodesh*), e a *bimah*. Mesmo considerando o caráter iconoclasta do judaísmo, é possível observar que os interiores eram objeto de rico trabalho decorativo, onde elementos como a caligrafia hebraica tinham lugar cativo. Destacam-se nesse conjunto as sinagogas de madeira polonesas do século XVIII, posteriormente dizimadas pelo regime nazista.

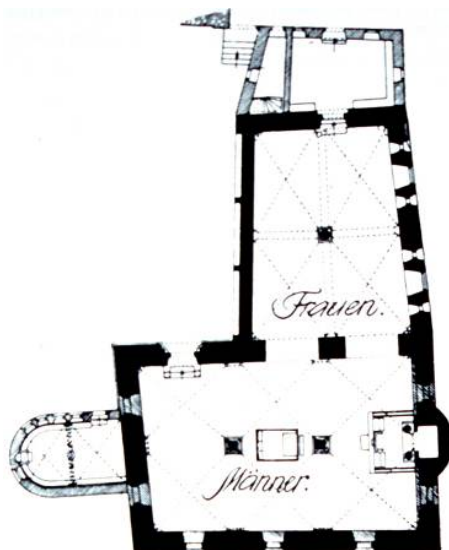
Do ponto de vista da linguagem arquitetônica e estética, este contexto resultou numa adaptação das sinagogas às condições e regulamentos existentes em cada situação específica, consequência de uma certa submissão às experimentações construtivas e artísticas do regime dominante católico, ou mesmo islâmico, no caso do sul da Espanha. Tal situação pode ser entendida como uma “condição imposta pelo gueto” (LEVISKY, 2000, p. 188). As sinagogas eram, assim, edifícios mais reclusos e menos destacados, até por questões de segurança, ou mesmo pelo comportamento não proselitista da religião judaica, o que significou pouca elaboração de artificios formais específicos, exceto aqueles condicionados por questões tecnológicas e construtivas. Nesse sentido, esses prédios diferenciam-se da igreja católica, um tipo de construção sempre ligada à vanguarda da experimentação arquitetônica e de grande participação na organização dos espaços urbanos europeus medievais, uma consequência da força política e econômica da Igreja.

Em sua dissertação de mestrado, “Sinagogas: a sacralização do espaço e espacialização do sagrado”, a arquiteta Adriana Levisky resume a problemática acima colocada ao elaborar o conceito de “estética do gueto”. Para ela, a preocupação mostrada com a decoração e o desenvolvimento do espaço interior da sinagoga em contraste com a pouca elaboração do edifício no exterior reflete

uma manifestação artística constrangida, acima de tudo, pela condição geopolítica dos judeus até o século XIX. A segregação das comunidades judaicas teria criado um cenário de elaboração limitada da sinagoga enquanto espaço judaico, por excelência. Não fosse a condição do gueto, diz Adriana, "talvez tivesse sido destinado ao espaço religioso judaico das sinagogas uma outra atenção estética" (LEVISKY, 2000, p. 189).

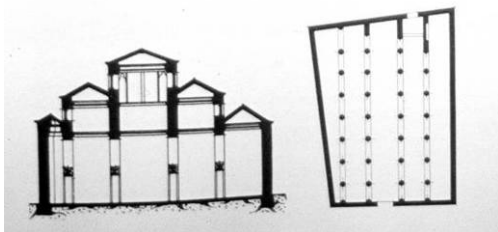
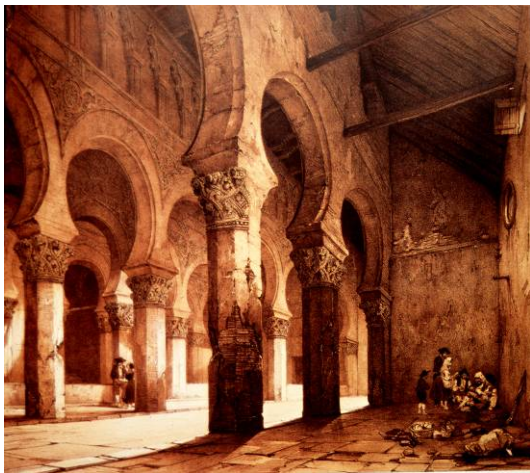
Em outras palavras, podemos entender que até o século XIX, pelo menos, a sinagoga teve um papel mais importante na perpetuação da reunião e das tradições litúrgicas judaicas do que propriamente na construção de uma identidade simbólica e estética homogênea dentro do judaísmo.

Sinagoga de Worms, na República Tcheca (1175). A planta mostra a divisão entre homens e mulheres. Na parte principal está a bimah, entre dois pilares que se situam no eixo da Arca Sagrada. Fonte: MEEK, 1996, p.84.





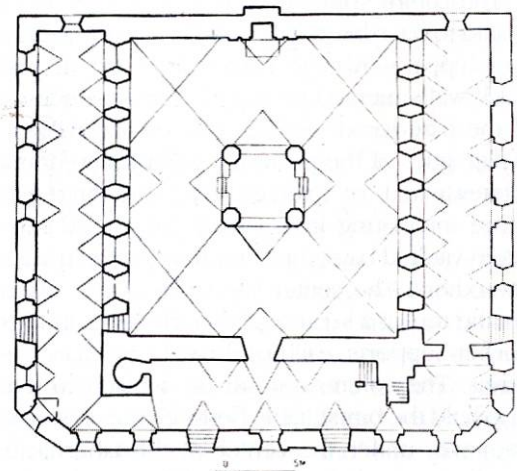
Altneschul, em Praga (1180). Exemplo de Sinagoga medieval, com teto de abóbadas ogivais e pilares centrais. O baldaquino é marcado pelo gradil metálico. Fonte: MEEK, 1996, p.90.



Sinagoga Santa Maria La Blanca, Toledo, Espanha (c. 1200). Um dos exemplos mais marcantes da influência árabe numa construção ligada ao judaísmo. A Sinagoga tem estilo mudéjar e foi posteriormente convertida em igreja, fato que explica o seu nome atual. Fonte: MEEK, 1996, p.106.



Scola Spagnola, em Veneza, Itália (1655). A exuberância do barroco foi marcante na ocupação do “ghetto” de Veneza pelas comunidades migrantes da Península Ibérica dominada pela inquisição. Na primeira imagem vemos o Aron Ha Kodesh, na parede leste e na segunda imagem vemos a bimah, localizada na parede oposta, organização tipicamente sefaradita. Fonte: MEEK, 1996, p.120.



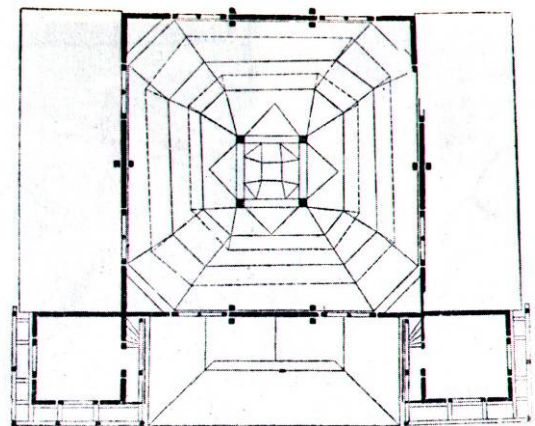
Sinagoga de Pinsk, Polônia (1640). Edifício que representa uma tipologia de sinagoga conhecida como “quatro pilares”. Neste tipo de sinagoga, a bimah está no centro de um espaço quadrado, e tem seus vértices coincidentes com quatro pilares que sustentam as abóbadas da cobertura. A Arca Sagrada é representada pelo recesso na parede ao fundo. Fonte: KRISNKY, 1996, p.208.



Sinagoga de Lancut, Polónia, Séc. XVII. Aqui a bimah central é também marcada pela estrutura portante do edifício. Esta tipologia resolveu melhor o espaço interior das sinagogas, onde a estrutura central costumava atrapalhar a relação entre a bimah e a Arca Sagrada. Fonte: KRISNKY, 1996, p.226.



Figure 94. Volpa, early 18th century, exterior, west side



Sinagoga da vila de Volpa, Polónia (início do século XVIII), um dos exemplares mais importantes dentre as tradicionais sinagogas de madeira do leste europeu. A Bimah está localizada no centro do espaço de rezas. Fonte: KRISNKY, 1996, p.226.

2 RAÍZES DA RENOVAÇÃO

2.1 O MOVIMENTO REFORMISTA

A mudança estrutural da Revolução Industrial e a laicização dos estados europeus terão um papel importante na mudança do judaísmo enquanto religião, e conseqüentemente na mudança do espaço da sinagoga, a partir do século XIX.

Para o judaísmo será extremamente representativo o fenômeno da Emancipação, processo iniciado naquele período e caracterizado pela gradual aquisição de direitos civis pelos judeus, inicialmente na Alemanha e posteriormente na França, Inglaterra e Estados Unidos. O fim das leis discriminatórias transformou o judeu em cidadão, comprometendo-o com o Estado e inserindo-o definitivamente na nova sociedade industrial.

Esta nova condição civil deflagrou um processo de assimilação cultural que, por sua vez, fez com que parte das comunidades judaicas desse início a um novo pensar, uma resposta ao movimento de assimilação deflagrado pelo rompimento do gueto, nomeado de Movimento Reformista. O Reformismo reviu pela primeira vez uma série de valores milenares e atingiu importantes comunidades na Europa, sendo de grande representatividade frente ao judaísmo como um todo. Mudanças bastante radicais tais como a abolição da circuncisão e das regras de alimentação (*kashrut*), ou a relativização do sionismo¹ e observação do *Shabat* aos domingos, foram introduzidas em muitas comunidades. Segundo o Rabino Jonathan Romain, participante do Movimento Reformista Judaico Britânico, a primeira sinagoga com essas características foi estabelecida em Seesen, Alemanha, em 1810 (ROMAIN, 2006, p.1).

¹Sion é uma antiga designação hebraica para Jerusalém, mas já nos tempos bíblicos tornou-se um termo que simbolizava a terra natal nacional (vide Salmos 137:1-6). Com este sentido, tornou-se referência nos discursos em prol da renovação judaica nacional e religiosa. As ligações com Sion levaram ao aparecimento de inúmeros Movimentos Sionistas desde a antiguidade, que culminaram no moderno Movimento Nacional de Liberação Sionista, fundado no século XIX pelo jornalista austríaco Theodor Herzl. A causa Sionista levou ao retorno à Palestina e à criação do Estado de Israel, em 1948, uma vez que o objetivo do movimento é a renovação política e espiritual dos judeus em sua terra ancestral. Fonte: <http://www.jewishvirtuallibrary.org>

Em 1846 o Movimento Reformista chegou aos Estados, onde se beneficiou da ausência ainda maior de uma autoridade central religiosa, espalhando-se com grande força. Até hoje muitas comunidades americanas têm esta orientação religiosa. Em 1880, noventa por cento das sinagogas americanas era reformista², algo que dá a dimensão da força do Movimento, apesar de suas propostas radicais.



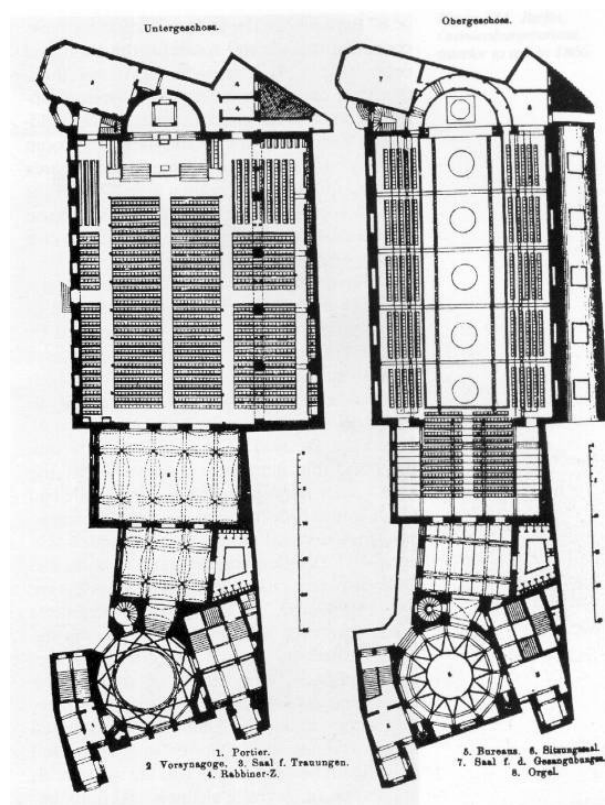
Sinagoga da Rue de La Victoire, Paris, 1847. Fonte: MEEK, 1996, p.178.

Novos edifícios testemunharam esse momento histórico, representando mudanças significativas no tema da arquitetura ligada ao judaísmo. Além de alterações nos arranjos planimétricos tradicionais, esta nova posição social judaica gerou uma notável diferença na escala dos prédios. Se antes eles não passavam de pequenos *Bet Ha Knesset* (casas de congregação), muitas vezes escondidos e reclusos, tornaram-se naquele momento construções monumentais, francamente abertas para a rua e preparadas para públicos de até três mil pessoas, como é o caso da Sinagoga da Oranienburgerstrasse (1866), em Berlin, da Sinagoga da Rue de La Victoire (1847) em Paris ou do Tempio Maggiore de Roma, inaugurado em 1904 com desenho de Vincenzo Costa e Osvaldo Armanni.

A maioria destes exemplares assumiu o nome de “Templo”, uma vez que suas comunidades já não enxergavam mais a necessidade de olhar a sinagoga como

² Segundo informações da website “Jewish Virtual Library” - www.jewishvirtuallibrary.org/index.html

uma espécie de “paliativo” para o Templo de Jerusalém, aceitando assim sua destruição eterna e tomando de empréstimo sua denominação. O nome “Templo” também se adequava melhor à nova escala das sinagogas, uma particularidade que acabava realçando a nova posição social das comunidades judaicas, num sentido de auto-afirmação.



Sinagoga da Oranienburgerstrasse, Berlin, 1866 – fachada principal e plantas do térreo e das galerias elevadas. Consolidação da organização Reformista, que junta a Arca Sagrada e o Baldaquino no mesmo ponto da planta, numa tipologia de “auditório”. Fonte: KRISNKY, 1996, p.265.

Outras mudanças claras na liturgia, como a instituição do coro e canto uníssono da congregação, a mudança do hebraico para a língua local e a instituição do órgão, visavam concorrer com o culto protestante, muito popular entre os jovens judeus, que freqüentemente se convertiam no intuito de procurar algo mais compatível com seu novo status. A presença de um *chazan* (cantor) liderando o serviço litúrgico ganha força neste período, como uma adaptação do culto ortodoxo, algo que se tornou tradição em muitas comunidades até os dias atuais.

Do ponto de vista da arquitetura, a mudança mais importante foi o aparecimento de um terceiro esquema planimétrico para organizar a relação entre a *bimah*

(baldaquino) e a Arca Sagrada, numa tipologia diferente daquelas usadas até então. Neste caso, as comunidades reformistas propuseram a junção destes dois elementos na parede leste, criando um espaço de caráter similar ao da igreja protestante, voltado a um ponto de atenção único, onde o oficiante encontrava-se virado para o público. Assim, a planta tipo “teatro” se incorporou dentro do judaísmo, criando mais uma alternativa tipológica junto àquelas existentes, pertencentes aos ritos *ashquenazita* e *sefaradita* (vide capítulo I – p. 29).

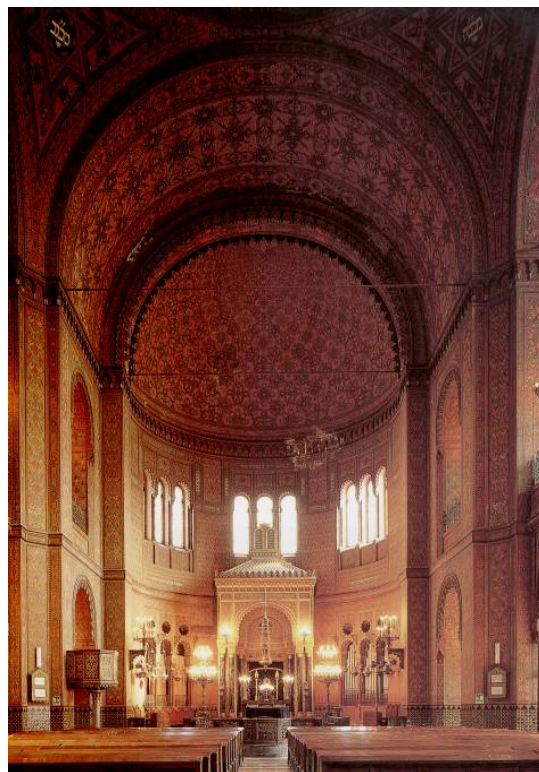
Embora polêmicas no que dizem respeito à manutenção das tradições, as mudanças empreendidas pelo Reformismo dão força à difusão de uma nova sinagoga: maior e mais imponente, aberta de forma franca para a rua e para a cidade, participe do contexto urbanístico.

O momento histórico, por sua vez, era marcado pela presença dos estilos ecléticos de referência historicista, característicos do século XIX. As escavações arqueológicas do fim do século XVIII, as conquistas Napoleônicas no norte da África e o esgotamento do Barroco e do Rococó, dentre outros motivos, deram à linguagem do ecletismo o domínio da expressão arquitetônica neste momento. Desde o neoclássico, passando pelo neo-gótico (bastante ligado à revisão dos valores cristãos) até estilos neo-orientalistas (egípcios, bizantinos e mouriscos), a arquitetura institucional do século XIX absorveu uma gama enorme de referências estéticas, cada qual correspondente à manutenção e difusão dos novos valores pós-industriais e republicanos na cultura, economia e política.

O cenário geral fez do edifício judaico também um campo de experimentação destes estilos. Principalmente no que tange às experiências de aparência oriental, esta linguagem do “revival” buscava as origens do judaísmo, inspirada nos achados das primeiras escavações arqueológicas na Terra Santa, algo que consiste num primeiro esforço conjunto para encontrar uma linguagem e um vocabulário arquitetônico que pudessem ser considerados como próprios da sinagoga.

Edifícios como o Tempio Maggiore em Florença, projeto de Falcini, Micheles e Treves inaugurado em 1882 ou Templo Emanu-El, inaugurado em Nova Iorque em 1929 são destaques neste contexto, composto por centenas de edifícios construídos, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Segundo Harold Meek, o edifício em Florença representa, por exemplo, o “uso mais criativo e consistente de

arquitetura Mourisca no desenho de sinagogas” (MEEK, 2000, p.196 – trad. nossa). Neste sentido, o uso de cúpulas, arcos em ferradura e motivos árabes na decoração estão entre os artificios mais utilizados na expressão destes prédios.



Tempio Maggiore em Firenze, Itália, 1882 – Falcini, Michele e Treves. Fachada principal e vista da nave. Fonte: MEEK, 1996, p.196.

Sob a perspectiva da busca por uma identidade estética judaica, após séculos de submissão e reclusão, o Reformismo traz valores tão controversos quanto as próprias modificações estruturais que propôs. Dentre os aspectos mais positivos está o aparecimento da pergunta “Em que estilo devemos construir?”³, síntese da busca por uma linguagem que pudesse de fato representar as tradições judaicas, sua história e suas raízes. Apesar disso, é possível dizer que o ecletismo historicista forçou, mais uma vez, a utilização de soluções e elementos estéticos externos ao repertório simbólico da religião. As mudanças tipológicas trazidas também acabaram por contribuir para a heterogeneidade do espaço litúrgico judaico, à medida que importaram um modelo proveniente de outros edifícios religiosos para as sinagogas.

No saldo geral, no entanto, o momento é caracterizado pela capacidade do Reformismo de congregar grandes comunidades urbanas, de reviver o judaísmo

³ Título do livro publicado pelo arquiteto vienense Heinrich Hübsch em 1828. No original, em alemão: In welchem Style sollen wir bauen (MEEK, 2000, p.173).

dentro da sociedade civil após centenas de anos de isolamento e de criar um conjunto coeso de edifícios até hoje marcantes na paisagem das cidades européias e americanas, apesar da massiva destruição imposta pelo Nazismo, antes e durante a Guerra.

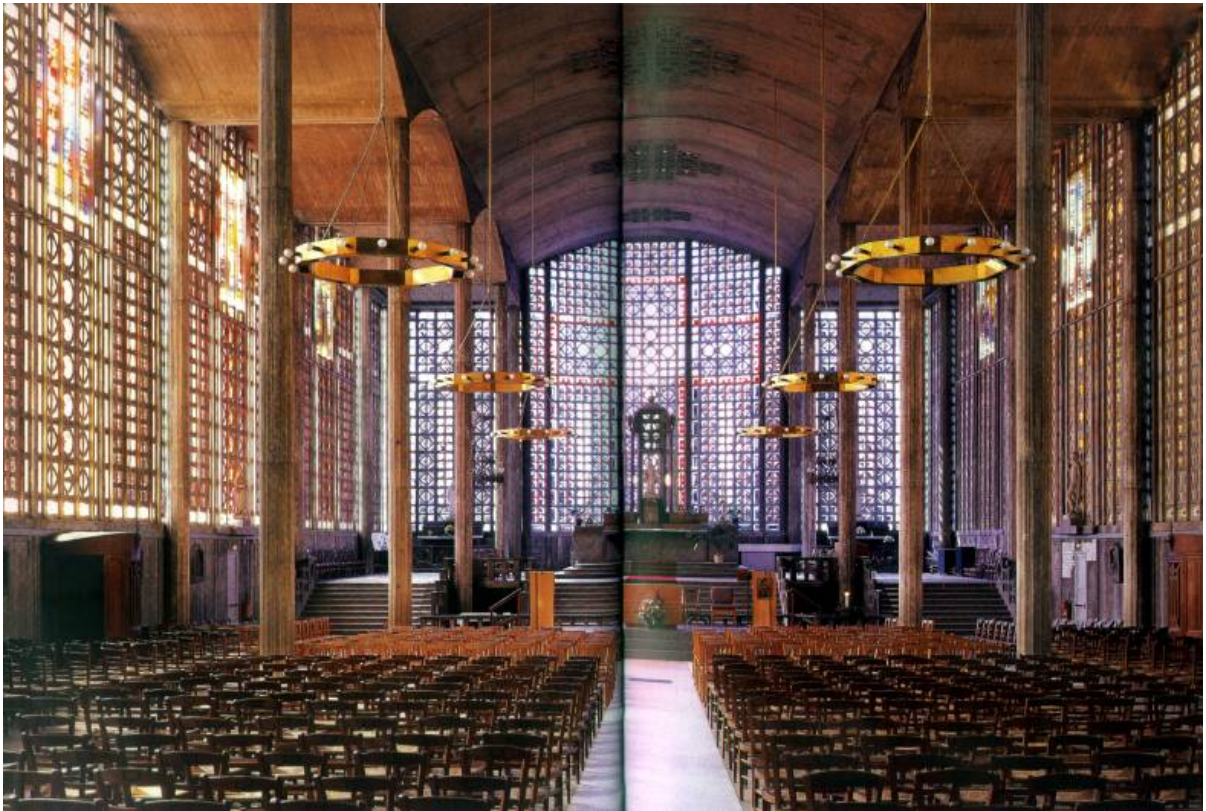
Ao olhar o Reformismo através de sua manifestação arquitetônica, podemos entendê-lo como um momento de transição, uma primeira tentativa de materializar a assimilação judaica e seu novo espaço de culto, através de decisões fortes e polêmicas. Acima de tudo, o Reformismo consistiu no início de uma reflexão, um primitivo ímpeto de renovação da sinagoga, dentro do hiato de liberdade que o século XIX representou para o judaísmo ao fim do segundo milênio, momento este coincidente com a experimentação estilística eclética em voga no âmbito da arquitetura.

2.2 CONTRIBUIÇÃO MODERNISTA ENTREGUERRAS

O período entreguerras foi marcado pelo advento do modernismo nas artes plásticas como um todo. Na arquitetura, os valores modernos da racionalização e industrialização da construção civil levarão ao abandono do adereço e do supérfluo na expressão plástica dos edifícios, pensada sob a ótica da otimização do processo construtivo durante a reabilitação da Europa após a Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Principalmente no campo da habitação, as propostas modernistas revisaram o papel das construções, encaradas agora como máquinas, preparadas para trabalhar com precisão e dispensando a presença daquilo que não fosse absolutamente necessário a seu funcionamento.

A “máquina de morar”, representada pelo “Esprit Nouveau” de Le Corbusier, revela-se em seus estudos para a Casa Citrohan em Stuttgart (1925), que também antecipa “Les 5 Points d’une architecture nouvelle”, formulados posteriormente, em 1926 (FRAMPTON, 1992, p.154). As fachadas puras e simples, além do volume retilíneo e regular acabaram por se transformar na síntese de uma expressão

estética e construtiva que, em diferentes graduações, foi referencial ao Movimento Moderno.



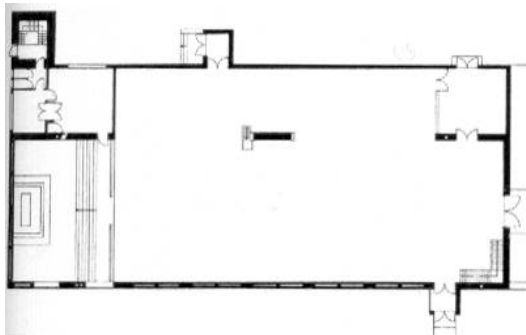
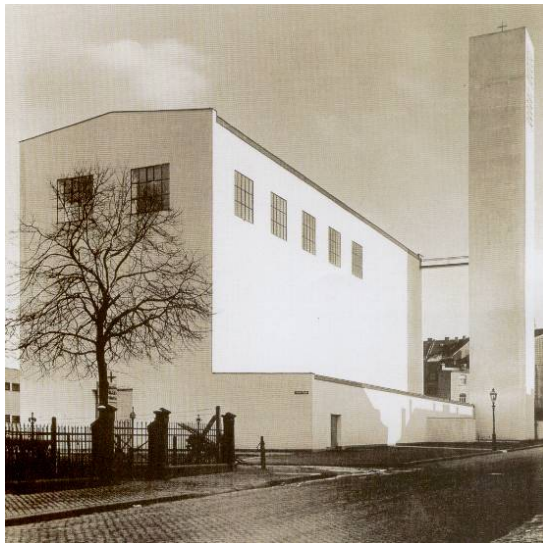
Igreja de Notre Dâme em Rancy, Paris, 1923 - August Perret. Fonte: STOCK, 2004, p.13.

No caso da arquitetura religiosa, o modernismo dos anos 20 e 30 trouxe um rompimento com o tradicionalismo imposto por esta função e seu programa, impregnado por uma tradição milenar, que impunha suas próprias “fórmulas” de materialização, principalmente no caso do catolicismo. Segundo Justo Isasi, “Para os modernos da Bauhaus, a igreja era um projeto tabú, anacrônico e reacionário” (ISASI, 2002, p. 18 – trad. nossa).

Neste contexto, foi significativo o movimento de renovação litúrgica do catolicismo, muito forte na Alemanha e liderado por teólogos como Romano Guardini. As mudanças na liturgia e na maneira de ver a religião logo encontraram abrigo nas novas igrejas modernistas que, por sua vez, tiveram a capacidade de influenciar o contexto de concepção dos edifícios religiosos como um todo. Obras como a Igreja de Notre Dâme em Rancy (1923), de August Perret, por exemplo, considerada “a primeira igreja em concreto do século XX” (STOCK, 2004, p.12), são

representantes da presença de uma nova linguagem, resultante de uma renovada proposta funcional.

Outro nome importante no contexto católico é o do arquiteto alemão Rudolf Schwarz, autor de obras tais como a Igreja do Corpus, em Aquisgrán, Alemanha (1930). Nesta obra, Schwarz “não duvida em arrojado, deixando de lado o fardo histórico da iconografia católica e usando a imagem da modernidade industrial para reinterpretar o templo de nave única” (ISASI, 2002, p. 19 – trad. nossa).

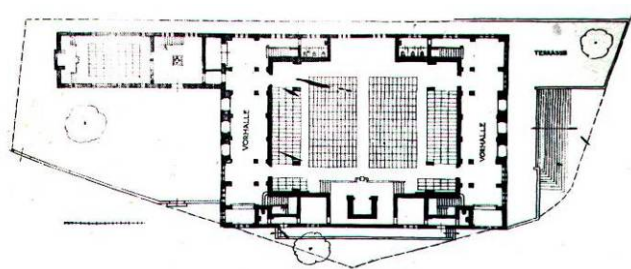


Igreja do Corpus - Aquisgran, Alemanha, 1930 - Rudolf Schwarz. Simplicidade como novo paradigma na arquitetura religiosa. Fonte: ISASI, 2002, p.18.

As sinagogas também aceitaram uma nova expressão artística e arquitetônica, embora poucos tenham sido os exemplares construídos nos quatorze anos que marcaram o intervalo entre o fim da Primeira Guerra e a ascensão do Partido Nacional Socialista na Alemanha, em 1933. Inseridas neste processo mais amplo, de reproposição da produção arquitetônica e do recinto religioso, as sinagogas modernistas incorporaram a simplicidade estética e formal à resolução do espaço ligado ao judaísmo. Diferente das mudanças engendradas durante o período do

ecletismo neo-historicista, que eram baseadas também em transformações no contexto judaico sóciopolítico e religioso, neste momento são os valores da nova arquitetura os responsáveis pelas modificações trazidas a estas propostas.

Absorvida de fora para dentro no judaísmo, a linguagem moderna foi bem acolhida por comunidades que viram nas vanguardas a oportunidade de consolidar os paradigmas de renovação propostos no século anterior. A linguagem despojada, simples e limpa era também de fácil adaptação ao culto iconoclasta judaico, historicamente menos ligado aos valores tradicionais da arquitetura religiosa e ao “fardo da iconografia tradicional” que se tentava pulverizar no espaço católico.



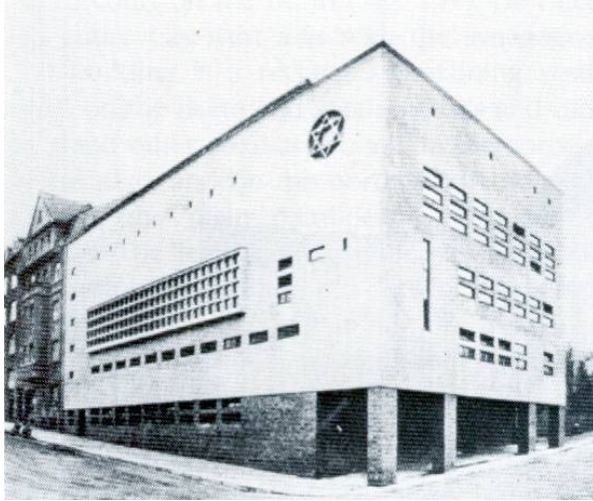
Sinagoga de Zilina, Eslováquia, 1298 – Peter Behrens. Perspectiva geral, cúpula no interior da sinagoga e planta do pavimento térreo. Fonte: KRINSKY, 1996, p. 306.

No âmbito das sinagogas, a contribuição modernista do entreguerras foi também importante porque inseriu definitivamente o edifício para a liturgia judaica dentro deste conjunto mais amplo de experiências. Obras como a Sinagoga de Zilina (1928), na Eslováquia, projeto de Peter Behrens, são contemporâneas à Igreja do Corpus de Rudolf Schwarz, por exemplo.

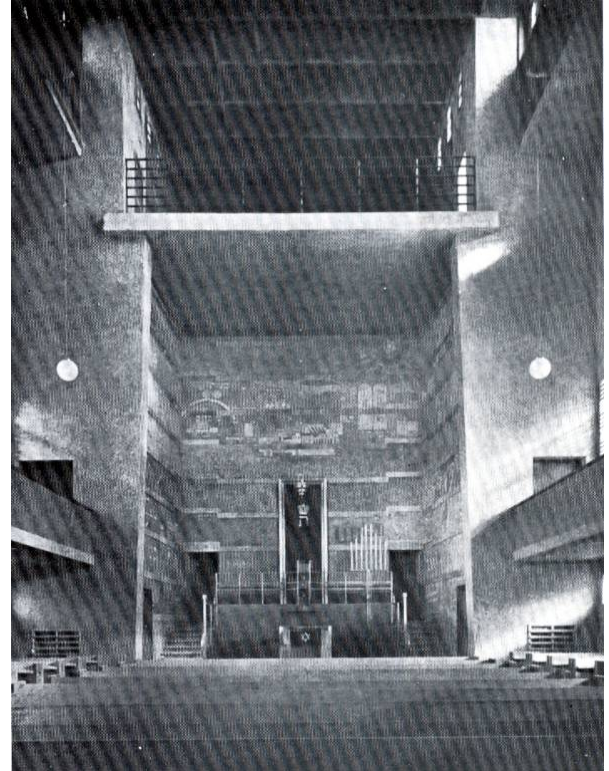
Um aspecto interessante da comparação destas primeiras sinagogas modernistas com os prédios Reformistas do século anterior foi a capacidade dos novos edifícios de retirar da simples decoração a responsabilidade pela procura de uma identidade judaica dentro da sinagoga. Estes exemplares, pelas próprias características estéticas do modernismo estiveram mais ligados à tentativa de imbuir o espaço construído com o espírito da liturgia judaica, conformando-se em experiências pioneiras na manipulação dos materiais, da luz e do volume no intuito de reforço do culto e caracterização do ritual judaico dentro da sinagoga. A essência da linguagem modernista, atenta ao espaço tridimensional e às funções nele desempenhadas, modificou a sinagoga não através da importação de modelos tipológicos e decorativos, mas ressaltando o cenário para a liturgia existente através da manipulação da estrutura, dos materiais e das aberturas, dentre outros.

A Sinagoga de Zilina, por exemplo, incorporou no volume externo diferentes tratamentos de textura e materiais no sentido de mostrar e marcar a posição de elementos importantes no interior, como a Arca Sagrada. Em Zilina vemos também um uso mais comedido da cúpula, adornada por motivos geométricos abstratos e de proporção diferenciada, configurando assim uma espécie de reinterpretação do elemento, mais do que mera reprodução.

Já na Sinagoga Reformista de Plauen, Alemanha, construída entre 1928 e 1930, o arquiteto Fritz Landauer “[...] atingiu efeitos expressivos principalmente através da manipulação de elementos arquitetônicos mais do que através da colocação de detalhes orientais” (KRINSKY, 1996, p. 305). Landauer procurou manipular o espaço interno e suas proporções, criando efeitos de luz, buscando uma solução estrutural instigante para a galeria elevada de mulheres e ressaltando a presença da Arca Sagrada através de um recesso no volume interno. A fachada era distintamente moderna, a forma prismática, decorada apenas por uma pequena Estrela de David num dos cantos do volume, sintetizando uma linguagem bastante diferente daquela do ornamento e do ecletismo.

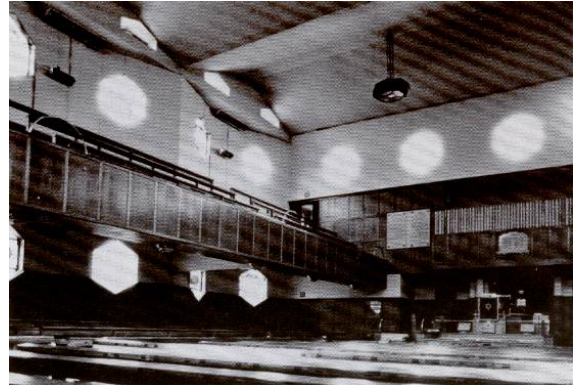
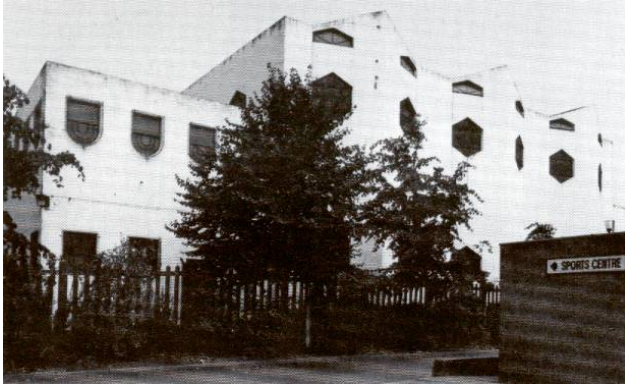


Sinagoga de Plauen, Alemanha, 1930 – Fritz Landauer.
Fonte: KRINSKY, 1996, p.305.



Valores semelhantes também podem ser observados na Sinagoga de Dollis Hill, perto de Londres, construída entre 1933 e 1937 pelo arquiteto inglês Owen Williams. Segundo Krinsky,

O arquiteto conseguiu mostrar as qualidades da arquitetura funcionalista moderna. As paredes de concreto, deixadas em sua cor natural, revelavam em sua textura levemente emborrachada [...] a honestidade de sua construção e a dignidade de materiais humildes e não tradicionais” (KRINSKY, 1996, p.420).



Sinagoga de Dollis Hill, Londres, 1934 – Owen Williams. Fonte: KRINSKY, 1996, p.421.

Dessa forma, a maior contribuição dos primeiros exemplares modernistas de sinagogas parece ter sido a de forjar as bases estéticas para as reflexões que dominaram o judaísmo depois da Segunda Guerra.

A mudança significativa que representou a transição do ecletismo para o modernismo criou um momento de ruptura, que determinou as bases para novas discussões acerca do tema da identidade no ambiente judaico. A maior atenção dada pelas vanguardas ao espaço, propriamente dito, proveu os arquitetos de sinagogas com uma oportunidade para iniciar uma revisão mais profunda de sua estrutura e expressão artística. Este contexto, assim, acabou revelando-se como uma prévia das conseqüências da eclosão da segunda grande guerra, em 1939, e de seus efeitos no desenvolvimento da arquitetura de sinagogas após o Holocausto, que consolidaram o moderno como expressão de renovação, forçando-o no sentido de um desenvolvimento estético e artístico específico.

Assim, estas sinagogas souberam absorver influências estéticas “externas”, olhando também de forma mais profunda para o seio da religião do ritual na busca pelos significados a serem materializados, fenômeno que ganharia força após a Segunda Guerra.

3 PÓS-GUERRA E A CONSOLIDAÇÃO DO MODERNO

3.1 IDENTIDADE JUDAICA NO PÓS-GUERRA

Embora seja possível identificar as sementes de renovação e mudança na arquitetura ligada à liturgia judaica desde o Movimento Reformista, em meados do século XIX, será somente na segunda metade do século XX que tais transformações se concretizariam de maneira mais clara.

O fim da guerra em 1945 influenciou a produção arquitetônica judaica como um todo, forjando um impacto ainda mais significativo sobre a maneira de pensar a construção das sinagogas. Nada que tivesse relação com o judaísmo passou incólume frente ao Holocausto, o assassinato de cerca de seis milhões de judeus na Europa durante o regime nazista¹, fato que definirá um tema central de referência ao trabalho de construir novos espaços de oração e encontro. Mais além, criará entre os judeus, não importando sua orientação religiosa, um sentimento de repúdio capaz de uni-los em volta de um discurso e de uma identidade única. O evento marcou a maneira com que os judeus entendem sua relação com o mundo e, como consequência, influenciou também a materialização de sua casa de orações, estudos e encontros comunitários, a sinagoga.

Os Estados Unidos tiveram nesse contexto um papel fundamental, já que haviam se tornado a nova casa de boa parte dos judeus emigrados da Europa nazista, dentre eles arquitetos como Erich Mendelsohn. Mendelsohn será responsável por reflexões que buscavam um projeto de sinagoga que não fosse apenas “símbolo das conquistas materiais do homem, mas representante do renascimento espiritual da religião após o Holocausto” (GRUBER, 2003, p. 85). Além dele, o arquiteto Percival Goodman, defensor de idéias como:

¹ O regime nazista de ideologia racial “ariana” eliminou também durante a Guerra mais de um milhão de escravos, seiscentos mil ciganos e centenas de milhares de homossexuais e deficientes físicos.

De repente, deu-se o fato de que seis milhões de judeus foram massacrados em três ou quatro anos, só por que eram judeus. Nós não sabemos de que maneira outros grupos reagiriam a este acontecimento, mas entre os judeus parece ter ocorrido o seguinte efeito: eles tornaram-se conscientes de si mesmos como uma comunidade física, uma congregação. [...] Os maiores efeitos deste sentimento congregacional são basicamente dois: um acréscimo no trabalho social judaico, filantropia e centros comunitários e um novo ímpeto na construção de sinagogas. É para este ímpeto que devemos agora dar atenção. (GOODMAN; GOODMAN, 2001, p.68 – trad. nossa).

Tal postura representa a busca por projetos mais ligados ao caráter simbólico deste renascimento frente ao desastre dos anos anteriores, influenciando a expressão arquitetônica destes edifícios.

Países latinos que também receberam imigrantes, como o Brasil e Argentina, participarão deste processo, construindo novas sinagogas que buscavam unir a estética modernista à expressão de “essência” judaica.

Outro fenômeno de grande importância no processo pós - guerra é a criação do Estado de Israel, em 1948. Israel foi fundado como um reflexo direto dos acontecimentos da Segunda Guerra, simbolizando, dentre outras coisas, o traçado de fronteiras que pudessem dar aos judeus maior capacidade de defesa. Como afirma um boletim oficial preparado para comandantes do exército no dia de lembrança do Holocausto (*Iom Hashoah*) em 1983:

A solução sionista estabelecendo o Estado de Israel teve a intenção de prover uma resposta ao problema da existência do povo judeu, considerando que todas as outras soluções falharam. O Holocausto provou, em todo o seu horror, que no século XX, a sobrevivência dos judeus não está assegurada à medida que eles não são mestres do seu destino e que não tem poder para defender sua sobrevivência. (DON-YEHIYA, LIEBMAN, 1983, p. 184 - tradução nossa).

Israel também terá papel importante dentro das proposições arquitetônicas ligadas ao judaísmo no imediato pós-guerra. Além de sinagogas, o país é marcado pela construção dos memoriais ao Holocausto, museus e escolas rabínicas, dentre outros, caracterizando a pesquisa por uma expressão que mais do que “judaica”, fosse israelense. Neste caso, “a procura por meios de expressar identidade judaica na arquitetura em Israel no século XX e no início do século XXI tem sido caracterizada pela ênfase na identidade nacional” (LEVIN, 2004, p. 32 - tradução nossa).

A criação do Estado de Israel criou também um fenômeno de “espacialização” da fé judaica e da própria existência judaica como um todo.

Bruno Zevi, por exemplo, identifica que os constantes êxodos e dificuldades sofridas pelos judeus na conquista de terras estáveis construíram boa parte da bagagem cultural e organizacional da religião:

Quanto à história judaica, é supérfluo observar: é antiestática e antiespacial sem termos de comparação. Inicia-se por uma diáspora, o exílio no Egito, e uma imigração em direção à Palestina. A diáspora se repete após a destruição do segundo templo, e continua, ao longo dos séculos, com êxodos dramáticos e sistemáticas tentativas de retorno. Nômades em seus primórdios e errantes até a realização do sonho de Theodor Herzl, no exílio, conforme assinala Nahum Goldmann, ‘exprime-se, por mais paradoxal que pareça, o caráter específico de nossa história’ (ZEVI, 2002, p.10).

No entanto, a experiência “estática” da volta a Israel influencia o judaísmo, uma vez que este território volta a ter uma referência geográfica de origem e identidade, depois de dois mil anos. A materialização dos espaços de culto em Israel, neste sentido, aproveita muitas vezes a própria relação com o sítio para estabelecer relações simbólicas de forte identidade, à medida que a história do povo judeu se confunde com a história da Terra Santa.

Já a Europa, tradicional casa das sinagogas entre desde o medievo até o início do século XX, permaneceu por muito tempo à margem do processo de construção de

novos edifícios para a liturgia judaica, sendo poucos os exemplares construídos no velho continente num período que segue até os anos noventa, pelo menos. Nenhum dos países europeus voltou a ter a população judaica de antes da guerra, sendo um dos maiores exemplos a Polônia, que de uma população de três milhões de judeus antes de 1939, passou a poucos milhares em 1945.

No entanto, após duas gerações, a própria Alemanha, reunificada, vem comandando um processo de revisão histórica que tem resultado na construção de uma série de novas sinagogas, a partir de recursos do próprio governo.

A famosa “Kristallnacht” ou “Noite dos Cristais”, oportunidade em que os nazistas destruíram centenas de sinagogas de uma só vez, em nove de novembro de 1938, continua a ser lembrada como um marco do anti-semitismo e como motivadora da renovação e construção de sinagogas que possam atender à crescente comunidade judaica na Alemanha.² A natureza desta ampliação numérica, materializada em grande parte por imigrantes do leste europeu traz ainda certas peculiaridades. Como observa Edward Van Voolen:

Devido à supressão da religião, cultura e língua judaica durante mais de setenta anos de comunismo, a maioria destes imigrantes não só precisa de instrução básica na quase perdida herança de seus ancestrais, mas também demanda integração ao seu novo país. (VOOLEN, 2004, p. 19 – trad. nossa).

Tal processo amplia a necessidade por discussões do ponto de vista interno das comunidades, bem como serve de clara inspiração aos arquitetos designados para desenhar as novas sinagogas que surgem como demanda e desdobramento do crescimento da população judaica na Europa, sessenta anos após a Guerra. A construção no território marcado como epicentro dos conflitos e do Holocausto também traz especificidades, uma vez que em alguns casos ainda estão presentes as marcas da destruição passada, utilizadas de forma referencial na concepção da arquitetura.

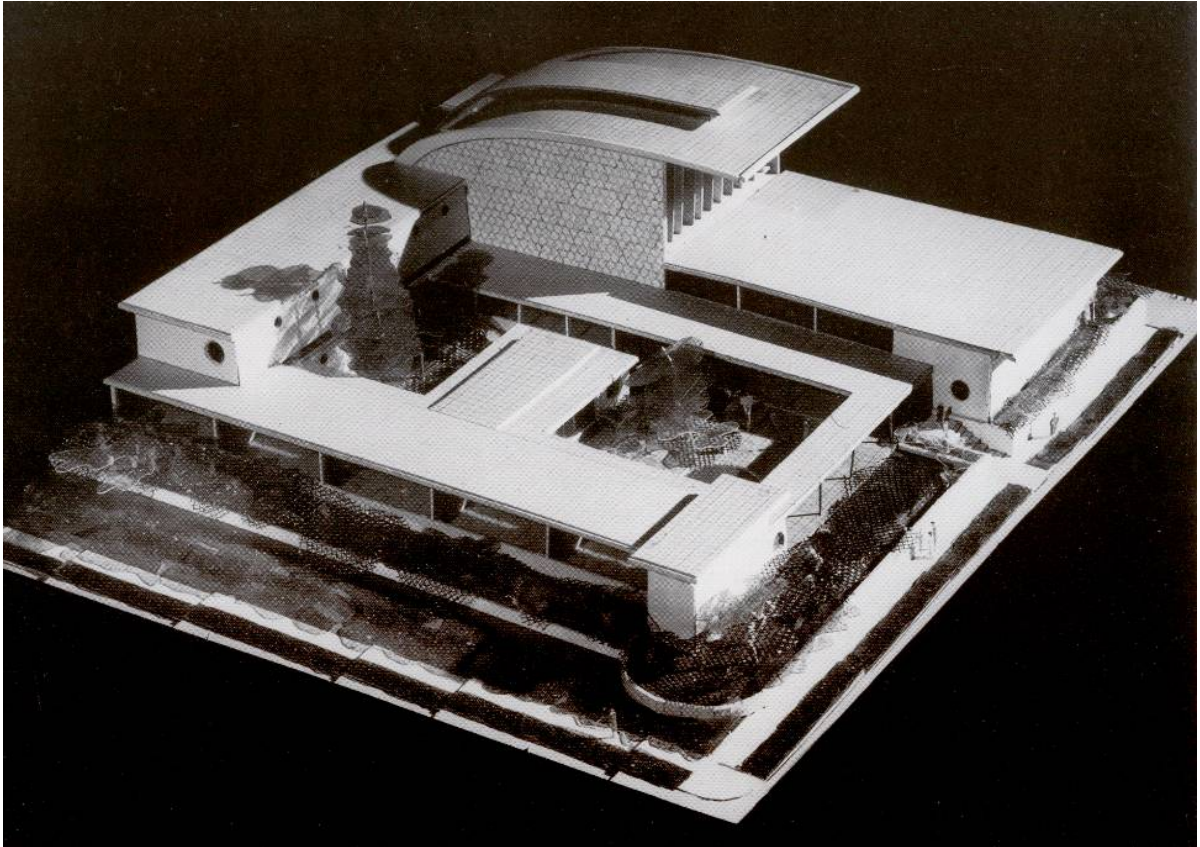
² Hoje vivem na Alemanha cerca de 100 mil judeus, grande parte imigrantes da antiga União Soviética e do leste europeu. Cerca de 15 mil ficaram no país logo após a guerra. (LORENZ, 2004).

Os dados acima colocados permitem visualizar, desta forma, mudanças no papel da sinagoga após a Segunda Guerra. Dentre elas, a ampliação da necessidade das congregações de estabelecer laços físicos mais fortes com o lugar em que estão, afirmando assim sua identidade e função dentro de um determinado território. O Holocausto realimentou também o papel simbólico do "shul" dentro da cidade e da comunidade, revivendo as demandas do século XIX por um edifício que pudesse ser visto e vivenciado pelo espaço urbano como um todo, assumindo o papel de uma prova de sobrevivência.

Muitos anos depois, o genocídio da Segunda Guerra é ainda uma referência histórica capaz de motivar e inspirar a construção de sinagogas, bem como de outros programas ligados ao judaísmo. No desafio de materializar uma nova identidade física e psicológica após o Holocausto e de suprir o judaísmo de uma expressão estética própria, as comunidades encontraram e ainda encontram na arquitetura um forte interlocutor.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DE ERICH MENDELSON E PERCIVAL GOODMAN

Na primeira fase do pós-guerra, entre 1950 e 1960, o foco das atenções na observação do processo de renovação da arquitetura das sinagogas estará voltado principalmente para os Estados Unidos, que assume o papel de potência vencedora e nova pátria de uma grande massa de judeus imigrantes. Erich Mendelsohn (1887-1953) é um dos mais importantes representantes deste período, construindo quatro sinagogas que seriam referência de modernidade, negação definitiva do historicismo eclético, e de consolidação de uma nova linguagem da arquitetura para a liturgia judaica no pós-guerra. O prédio da congregação B'nai Amoona em St. Louis, Missouri (1950) é considerado a primeira sinagoga modernista americana, além de se constituir no primeiro trabalho de Mendelsohn nos Estados Unidos, motivo pelo qual demandou uma atenção especial do arquiteto.



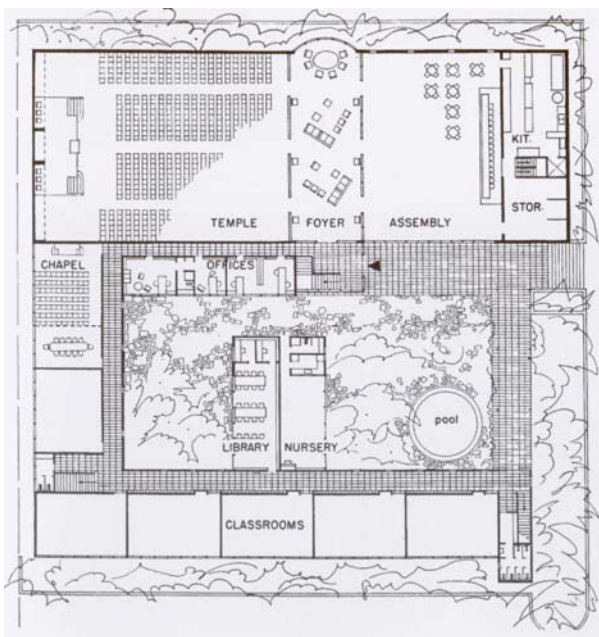
Sinagoga B'nai Amoona, St. Louis, Missouri, EUA, 1950 - Erich Mendelsohn. Foto da maquete, mostrando uma vista geral, o volume da sinagoga em destaque. Fonte: JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p.42.



Salão de rezas da Sinagoga B'nai Amoona - vista da Arca Sagrada, junto à bimah e perspectiva do salão ampliado para o público das grandes festas, através da abertura de divisórias móveis. Fonte: JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p.47.

Uma das maiores contribuições de B'nai Amoona no desenvolvimento de uma renovada arquitetura para as sinagogas foi a consolidação de uma linguagem eminentemente modernista, galgada ao mesmo tempo nos valores tradicionais da sinagoga como "casa da congregação". A criação do centro comunitário e do programa desejado pela congregação nortearam a construção da sinagoga que,

não obstante, destaca-se dentro do conjunto edificado pela sua grande altura, cumprindo sua função “hierárquica”, como ponto mais importante do complexo. Mendelsohn criou uma planta flexível, que permitia a ampliação do salão de rezas na direção de outros salões comunitários comuns, separados por divisórias móveis. O esquema foi posteriormente muito utilizado por congregações reformistas nos EUA, cuja planta de organização longitudinal (com Arca e *bimah* juntas na parede leste), poderia ser ampliada em momentos de grande acréscimo de público, como nos feriados judaicos mais importantes do ano, *Rosh Hashanah* e *Iom Kipur*³.



Sinagoga B'nai Amoona - Planta. Fonte: JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p. 40.

Segundo Kathleen James-Chakraborty: “A função, não o estilo, está no núcleo deste tipo de edifício. [...] A essência da conquista de Mendelsohn está na acomodação da ampla gama de espaços necessários para nortear uma comunidade de fiéis”. (JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p.40 - trad. nossa).

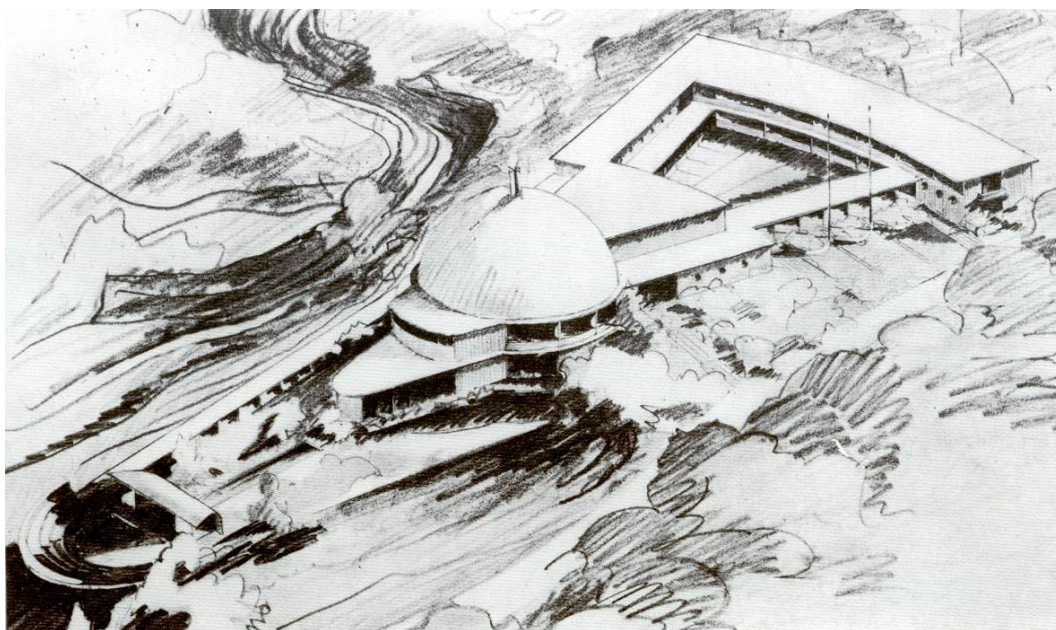
Para além de seus aspectos funcionais, a sinagoga B'nai Amoona⁴ também foi importante pela utilização de uma nova e ousada linguagem, em comparação ao conjunto anteriormente construído na América do Norte⁵. O expressionismo quase futurista de Mendelsohn era encarado na época como um passo adiante, uma atitude evolutiva baseada na visão daquilo que o judaísmo poderia ser e representar no renascimento do pós-guerra. Tal espírito está presente no âmbito do pensamento do arquiteto, como destaca Bruno Zevi, citando uma carta escrita por Mendelsohn: “Noite quase sem dormir. Demasiado excitado pela idéia de realizar qualquer coisa de excepcional: uma nova estrutura religiosa para uma nova significação religiosa!” (ZEVI, 1984, p.180).

³ Respectivamente o ano novo judaico e o Dia do Perdão.

⁴ Devido a vontade de tornar a sinagoga mais próxima do novo endereço de grande parte da comunidade, a Congregação B'nai Amoona decidiu vender o prédio projetado por Mendelsohn, convertido num Centro de Arte Contemporânea em 1986, projeto de Trivers Architects (JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p.68).

⁵ Conjunto este caracterizado pela linguagem do ecletismo neo-historicista.

Atitude semelhante está presente na Park Synagogue, construída em Cleveland, Ohio em 1953. Erich Mendelsohn também aposta na execução de um extenso centro comunitário, onde a sinagoga se destaca pelo seu enorme volume semi-esférico que marca o epicentro da implantação do complexo, que segue os alinhamentos dos limites do lote, em forma de cunha.

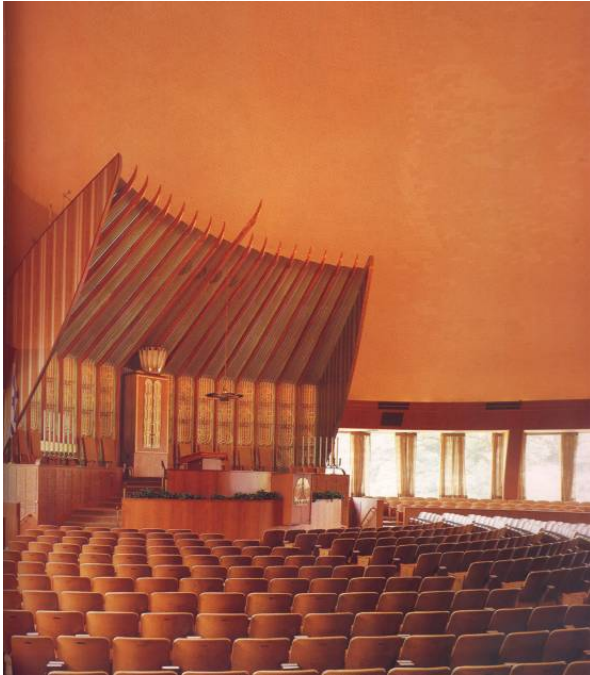


Croqui da Park Synagogue em Cleveland, Ohio, EUA, 1953 – Erich Mendelsohn. Fonte: JAMES-CHAKRABORTY, 2000, p.54.

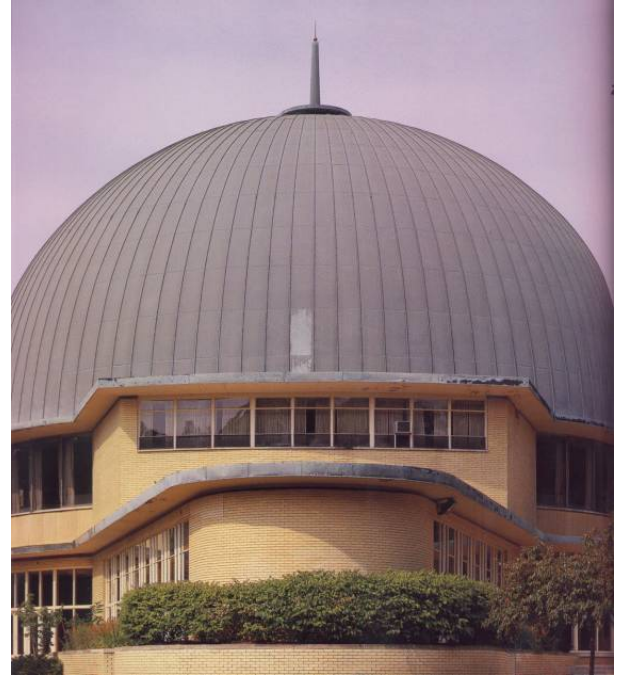
A cúpula é realmente o elemento mais importante deste projeto, merecendo, portanto, a atenção dos críticos que se dedicaram a interpretar este trabalho. Bruno Zevi, por exemplo, coloca que:

Uma cúpula na linguagem de Mendelsohn pode parecer uma intrusão estática, espúria. No entanto neste caso este elemento alça-se sobre um tambor de cristal e nasce do interior, da idéia da abóbada celeste sob a qual os nômades instalavam a 'tenda' da arca. (ZEVI, 1984, p. 182).

Já Samuel Gruber destaca o domo como "símbolo de pureza formal, unidade e universalidade" (GRUBER, 2003, p. 89) que, é preciso observar, também foi usado nas mesquitas e igrejas durante séculos como elemento de materialização da relação entre a arquitetura e o sagrado.

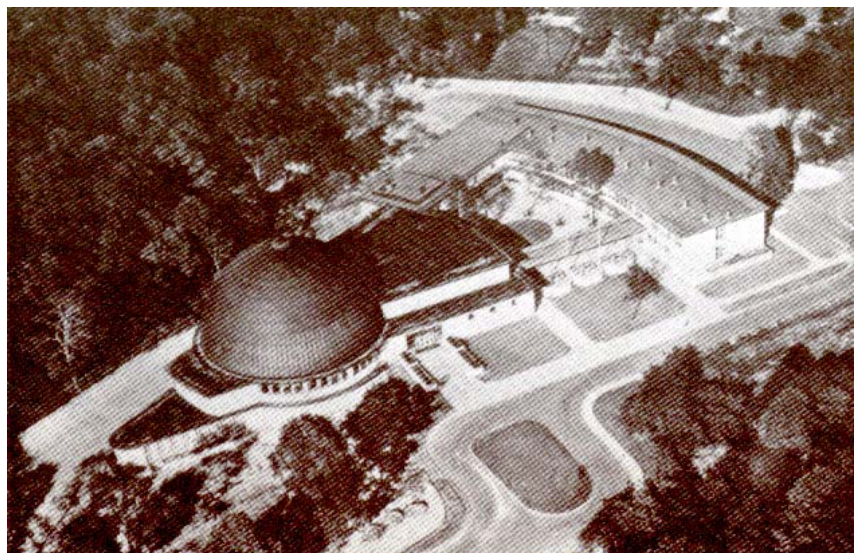
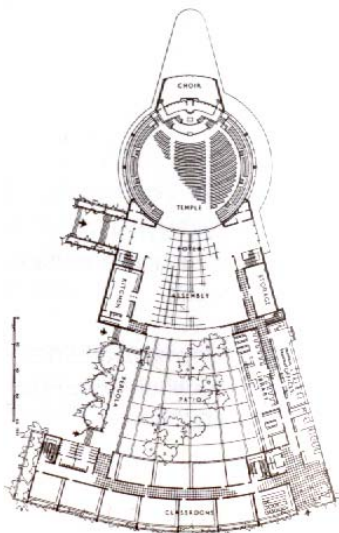


Interior da Park Synagogue, mostrando o Aron HaKodesh e a bimah. Fonte: GRUBER, 2003, p.86.



Cúpula da Park Synagogue. Fonte: GRUBER, 2003, p.86.

Do ponto de vista da identidade judaica, é preciso situar a influência que teve este uso simbólico dentro de uma das últimas obras de um importante arquiteto como Mendelsohn. Não só o Tabernáculo (a tenda do deserto), mas também outros símbolos judaicos passam a manifestar-se dentro da arquitetura de sinagogas a partir da construção das obras deste arquiteto alemão.



Planta e vista aérea da Park Synagogue em Cleveland, Ohio, EUA, 1953 – Erich Mendelsohn. Fonte: ZEVI, 1984, p.182.

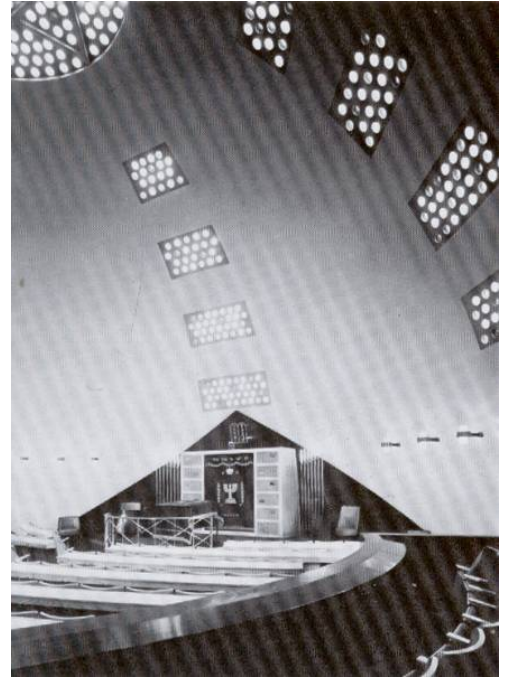
Tal processo ampliou a presença de valores judaicos dentro do movimento de renovação das sinagogas motivado pelas vanguardas desde os anos trinta, abrindo novos caminhos para a materialização da sinagoga na segunda metade do século XX.

A cúpula da Park Synagogue também influenciou diretamente outras obras importantes construídas ainda na década de 50. Tanto na Sinagoga de Givat Ram em Jerusalém (1957), projeto de David Reznik⁶ e Heinz Hau, como na Sinagoga Rurahlee em Essen, Alemanha (1959), projeto de Dieter Knoblauch e Reinz Heise, a cúpula aparece como espacializadora do sagrado, do divino e de sua ligação com o mundano e a terra.



Sinagoga de Givat Ram, Jerusalém, Israel, 1957 – David Reznik e Heinz Rau. Fonte: <http://www.passia.org/jerusalemmeetings2000/heritage.html>

⁶ David Reznik (1924) é arquiteto, carioca, tendo trabalhado ainda na época de estudante com Oscar Niemeyer, entre 1943-48. Em 1949 imigrou para Israel, onde, em parceria com arquitetos mais velhos e já atuantes na cena israelense modernista (Zeev Rechter e Heinz Rau), teve a oportunidade de projetar vários edifícios importantes, como o campus da Universidade Hebraica de Jerusalém.

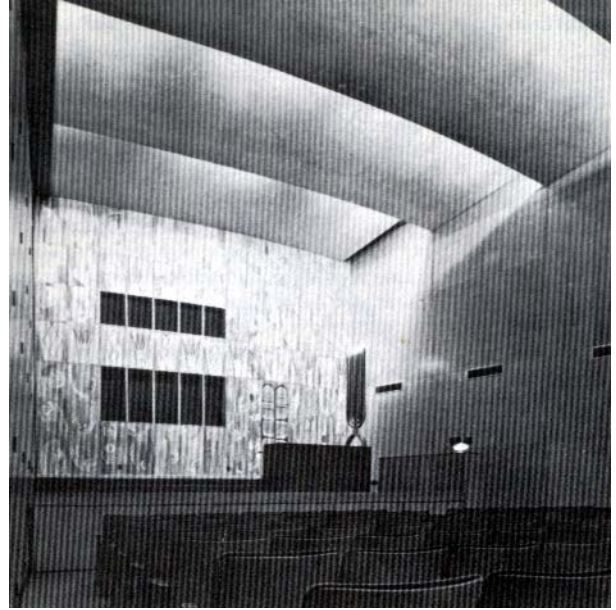
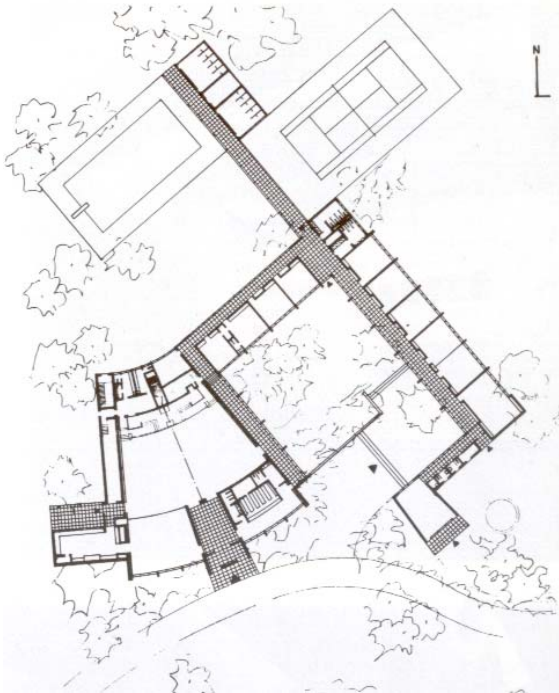


Sinagoga Rurahlee, Essen, Alemanha - Dieter Knoblauch e Reinz Heise. Fonte: KRINSKY, 1996, p.226.

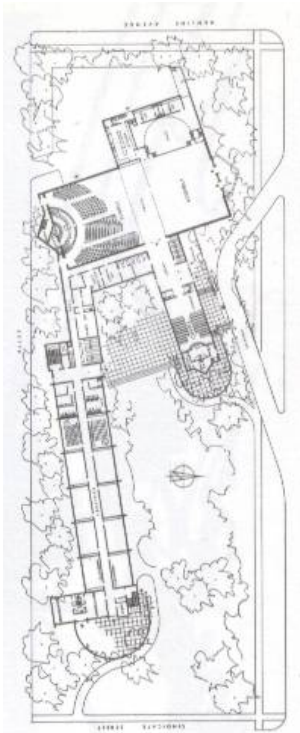
Mendelsohn projetaria ainda três sinagogas e centros de convivência (todas nos EUA): o Centro Comunitário Emanu-El em Dallas, Texas (não construído), o Centro Comunitário Emanu-El, em Grand Rapids, Michigan (1952) e o Templo Mount Zion em St. Paul, Minnesota (1954), ambos completados após sua morte. Os projetos mantêm o esquema trazido em B'nai Amoona, onde a sinagoga se destaca como volume autônomo dentro de um amplo centro comunitário, marcado pela presença do pátio, articulador de todo o programa.



Sinagoga e Centro Comunitário Emanu-El, Grand Rapids, Michigan, EUA, 1952 - Erich Mendelsohn. Fonte: ZEVI, 1984, p.194.



Sinagoga e Centro Comunitário Emanu-El, Grand Rapids, Michigan, EUA, 1952 – Erich Mendelsohn. Planta, que mostra em destaque a circulação do edifício ao redor de um pátio, elemento fundamental das propostas de Mendelsohn e o interior da sinagoga. Fonte: ZEVI, 1984, p.194.



Sinagoga e Centro Comunitário Mount Zion, St. Paul, Minnesota, EUA, 1954 – Erich Mendelsohn. Planta e vista externa do volume da sinagoga. Fonte: ZEVI, 1984, p.197 e 198.

Outro nome de destaque no contexto americano do pós-guerra foi o do arquiteto Percival Goodman (1904-1989), citado por alguns autores como “o arquiteto de sinagogas mais prolífico da história” (GRUBER, 2003, p.93), tendo projetado dezenas de sinagogas entre 1950 e sua morte. Os exemplares mais interessantes deste conjunto foram também construídos entre 1950 e 1960, quando o arquiteto, até mesmo pela influência de Mendelsohn, inicia seus estudos, dando uma contribuição significativa à construção de sinagogas.

Goodman era um judeu não praticante e dizia-se “um agnóstico convertido por Hitler” (WIZE, 2001, p.1), tendo estabelecido grande identidade com a religião após a Segunda Guerra Mundial. Seu interesse se traduziu no projeto vencedor da competição que escolheu o projeto para o Memorial Americano aos Seis Milhões de Judeus da Europa, no Riverside Park em Manhattan (1949 – não executado).

Percival também escreveu, junto ao seu irmão, Paul Goodman, uma série de textos onde refletiu sobre a “nova sinagoga” do pós-guerra propondo, assim como Mendelsohn, uma visão funcionalista do processo litúrgico como guia principal das decisões arquitetônicas, que deveriam ser capazes de absorver o modernismo, reinterpretando-o no âmbito da religião.

Num artigo chamado “Tradition from Function⁷” (Tradição a partir da Função), ele coloca que “... uma tradição de construção de sinagogas pode ser absorvida da tradição que existe, por exemplo, no serviço e na congregação; ela não pode ser importada de onde não existe, e não deveria existir, da construção e do estilo” (GOODMAN; GOODMAN, 2001, p.62 – trad. nossa). Nesse sentido, Goodman foca sua atenção na observação das coreografias litúrgicas judaicas (a saída da Torah da Arca e sua leitura, por exemplo), ressaltando tais movimentos como campo de trabalho no projeto. No tema decoração e embelezamento, Goodman também clama pelo aspecto funcional, chamando a atenção de que “... os cuidados e os investimentos devem ser dados àquilo que tem um uso mais freqüente e chama mais atenção”. (GOODMAN; GOODMAN, 2001, p.63 – trad. nossa). Tal raciocínio reflete-se na idéia de que o arquiteto funcionalista deveria pensar em sua

⁷ O artigo “Tradition from Function” foi escrito em parceria com seu irmão, Paul Goodman, e publicado na revista de crítica arquitetônica *Commentary* de Junho de 1947, nº 542-44. O artigo foi reimpresso recentemente numa coletânea sobre a obra de Percival Goodman, intitulada: Percival Goodman: Architect, Planner, Teacher, Painter.

arquitetura como substrato para o trabalho artístico de objetos como a Arca Sagrada, os rolos da Torah, a *bimah* e a lâmpada eterna, em colaboração com grandes escultores. Em outro artigo escrito pelos irmãos Goodman, o texto conclui que:

Pela primeira vez na história moderna há uma tribo de artistas Judeus; nenhum deles jamais trabalhou em edifícios religiosos; ao mesmo tempo [...], eles estão cientes dos arquétipos Bíblicos, da tradição Profética e da simples e sublime espiritualidade da teologia Judaica. Ainda há a comunidade judaica trazida de forma repentina a uma nova consciência de si mesmo enquanto congregação e expressando, ou a beira de expressar, uma grande parte deste sentimento enquanto uma ação plástica, construindo. Por último, não existe nenhuma tradição recente de design e decoração; há a necessidade de voltar a tradições muito antigas, reinterpreta-las da forma contemporânea mais livre, algo que os artistas modernos fariam de qualquer maneira [...]. Por outro lado, há uma forte e contínua tradição do serviço congregacional, que precisa ser liberado de suas excrescências, além de uma consciência do senso de comunidade que deve encontrar seu caminho de expressão. (GOODMAN; GOODMAN, 2001, p.71 – trad. nossa).

Esta defesa pela simbiose entre a escultura e arquitetura em projetos de sinagogas, observando sua capacidade de traduzir os novos anseios das comunidades judaicas, caracteriza uma das grandes contribuições de Percival Goodman na concepção de uma nova identidade judaica na arquitetura do pós-guerra. Ao propor esta relação mais forte entre a obra de arte e a arquitetura, Goodman também estende as reflexões trazidas por Erich Mendelsohn, criando novas trilhas para uma união coerente entre a renovação das vanguardas e o judaísmo.

Mesmo considerando que o processo é derivado de um contexto mais amplo⁸, a produção de esculturas, murais e vitrais “judaicos” têm a peculiaridade de vencer as restrições da figuração na religião, adaptando-se às brechas de tolerância. Tal aspecto teria também consolidado o abstracionismo como uma manifestação

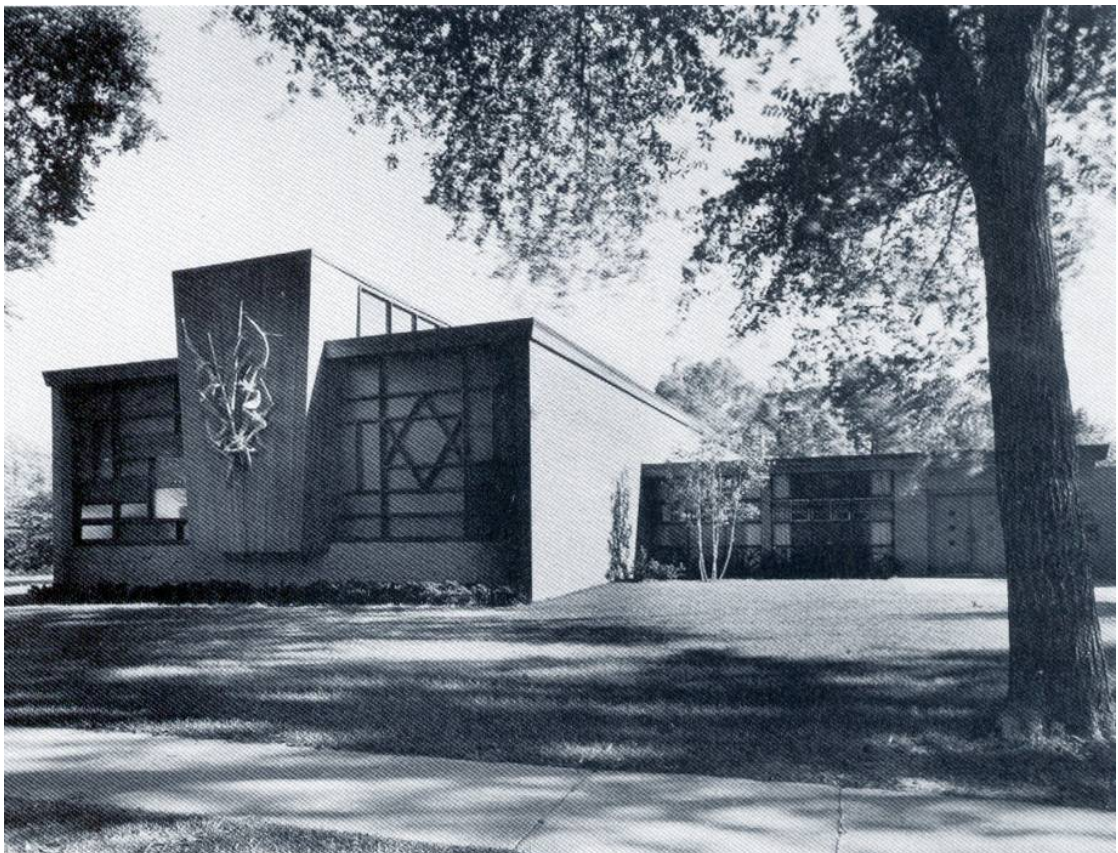
⁸ Oscar Niemeyer já havia proposto este tipo de interação, por exemplo, desde a Igreja de São Francisco, na Pampulha (BH), inaugurada em 1943.

artística coerente com o espaço da sinagoga, configurando-se como uma linguagem mais adaptada ao espírito modificador da época e à teologia judaica, representando imagens de caráter simbólico de modo mais sutil.

Assim, “a arte abstrata moderna estabeleceu um caminho importante no qual a comunidade judaica pôde expressar a formação de uma nova identidade judaica. [...] depois da tragédia do Holocausto, a comunidade judaica desejava exprimir a sobrevivência do povo judeu” (WONG, 2004, p. 6 – tradução nossa).

Goodman também defende posição semelhante colocando que “Os ícones não-naturalistas dos grandes artistas modernos são a mais tradicional decoração concebível”. (GOODMAN; GOODMAN, 2001, p.64 – trad. nossa).

É interessante perceber, no entanto, que este tipo de comportamento penetrou, sobretudo, nas comunidades de orientação reformista ou conservadora e menos nas ortodoxas.



Sinagoga B'nai Israel em Millburn, New Jersey, EUA, 1952 – Percival Goodman. Vista da fachada principal com sinagoga e a escultura de Herbert Ferber à esquerda. Fonte: ELMAN; GIRAL, 2001, p.77.

Um dos marcos deste processo é a sinagoga B'nai Israel em Millburn, New Jersey (1952). Nesta obra, Goodman reserva espaço para uma série de esculturas tanto no interior como no exterior do edifício. Na fachada principal da sinagoga destaca-se uma escultura de Herbert Ferber, chamada de "And the Bush was Not Consumed" ("E O Arbusto Não foi Queimado"), colocada sobre o volume que corresponde internamente ao nicho da Arca Sagrada.

A obra rememora o arbusto que ardia em chamas sem queimar, tema presente na passagem bíblica que conta sobre o primeiro contato entre Deus e Moisés (Êxodo 3:2), tema sugerido pelo próprio rabino da congregação, Max Gruenewald: "O arbusto ardia, mas não se consumia, o que reflete o destino de nosso povo" (WONG, 2004, p.1 – trad. nossa) – uma reflexão natural de sobrevivência após o Holocausto.

Simultaneamente à sinagoga de Millburn, Goodman desenhou o Templo Beth El, em Providence, Rhode Island, consagrado em 1954. Do ponto de vista do volume externo poucos elementos identificam o prédio com sua função de Sinagoga, embora a grande abóbada que cobre o santuário, propriamente dito, apareça com destaque na fachada principal. Inscrições em hebraico e alguns símbolos marcados na esquadria de vidro jateado que preenche o espaço entre a abóbada e o muro lateral da sinagoga indicam para o exterior a presença de um edifício judaico.



Sinagoga Beth El em Providence, Rhode Island, EUA, 1954 - Percival Goodman. Fachada principal e abóbada que marca a presença da sinagoga. Fonte: GRUBER, 2003, p.95.